

**Universidade de São Paulo  
Faculdade de Saúde Pública**

**A participação do aluno de graduação em nutrição em  
grupos de pesquisa como uma oportunidade de construção  
de saberes: análise de relato de experiência.**

**Jaqueleine Dourado Lins**

**Trabalho apresentado à disciplina Trabalho de  
Conclusão Curso II – 0060029, como requisito parcial  
para a graduação no Curso de Nutrição da FSP/USP.**

**Orientadora: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup>. Cláudia Maria Bógus**

**São Paulo**

**2020**

# **A participação do aluno de graduação em nutrição em grupos de pesquisa como uma oportunidade de construção de saberes: análise de relato de experiência.**

**Jaqueline Dourado Lins**

**Trabalho apresentado à disciplina Trabalho de Conclusão Curso II – 0060029, como requisito parcial para a graduação no Curso de Nutrição da FSP/USP.**

**Orientadora: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup>. Cláudia Maria Bóguus**



**São Paulo**

**2020**

## **AGRADECIMENTOS**

À querida Professora Cláudia Bógus pelo acolhimento durante toda minha graduação e sua orientação com afeto, confiança e respeito. Toda minha gratidão por apontar oportunidades e possibilitar experiências que me transformam e capacitam para vida.

À Professora Ana Cervato pela oportunidade que me instigou e capacitou a escrever um relato de experiência e seu constante incentivo.

À Roberta Miranda por me envolver ativamente em sua pesquisa e abrir caminhos para a experiência relatada neste trabalho, pelos conhecimentos compartilhados, pela orientação atenciosa e pela amizade.

À Silvana Ribeiro por me receber e incentivar à pesquisa, por oportunizar vivências que fazem parte deste trabalho, por sua energia verde contagiante, pelas conversas que são uma experiência transformadora a parte.

A todas e a cada uma das mulheres do Grupo de Pesquisa em Promoção da Saúde e Segurança Alimentar e Nutricional pelo constante acolhimento, pelas tantas partilhas, por serem minha inspiração e colaborarem ativamente para o desenvolvimento deste trabalho.

À Jessica, Denise, Vanessa, Juliana, Roberta, Adriana, Raquel e Letícia pelas trocas no dia a dia que me fizeram perceber o significado mais profundo da minha experiência.

Aos programas de incentivo à pesquisa, ensino e extensão na graduação nos quais fui bolsista em diferentes editais de 2015 a 2020: Programa Unificado de Bolsas, Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica, Programa de Estímulo ao Ensino de Graduação, Programa Aluno Monitor.

Às minhas queridas companheiras de graduação Iara, Giovana, Isabella e Camila por toda colaboração e parceria nos caminhos comuns da nossa trajetória e pela amizade que me acolheu quando tanto precisei.

À minha família pelo incentivo e apoio sempre presente, sendo o suporte que tornou possível minhas realizações, em especial à minha mãe e irmãs.

À razão da minha fé que misteriosamente abre caminhos em minha vida na direção da solidariedade e plenitude.

*Mais do que um ser no mundo, o ser humano se tornou uma presença no mundo, com o mundo e com os outros. Presença que, reconhecendo a outra presença como um “não eu” se reconhece como “si própria”. Presença que se pensa a si mesma, que se sabe presença, que intervém, que transforma, que fala do que faz, mas também do que sonha, que constata, compara, avalia, valora, que decide, que rompe.*

Paulo Freire.

Lins JD. A participação do aluno de graduação em nutrição em grupos de pesquisa como uma oportunidade de construção de saberes: análise de relato de experiência [Trabalho de Conclusão de Curso – Curso de Graduação em Nutrição]. São Paulo: Faculdade de Saúde Pública da USP; 2020.

## **Resumo**

Além de uma subárea de atuação profissional, a pesquisa está inserida no próprio processo de formação do nutricionista, vista como um instrumento fundamental do processo pedagógico. A estrutura do Curso de Graduação em Nutrição deve assegurar a articulação entre ensino, pesquisa e extensão, de forma a garantir um ensino crítico, reflexivo e criativo, que leve à construção do perfil almejado do profissional. O objetivo deste trabalho é refletir, a partir de um relato de experiência, sobre a participação do estudante de graduação em nutrição em grupos de pesquisa como uma oportunidade de construção de saberes na formação. Foi considerado ‘experiência’ como o que se constrói na relação de cada um com determinada circunstância, sendo aquilo que nos transforma. O saber gerado pela experiência é singular e atrelado à sensibilidade e personalidade de um sujeito, no entanto, é possível atribuir-lhe legitimidade, o que tem a ver com estar amparado ou ser justificado, pela capacidade de construção de sentido, integrando aspectos críticos. A experiência relatada e a partir da qual sugere-se uma análise e discussão se refere às vivências advindas da participação no grupo de pesquisa Promoção da Saúde e Segurança Alimentar e Nutricional vinculado a Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo, como aluna de graduação em nutrição exercendo atividades de pesquisa, extensão e ensino entre os anos de 2015 e 2020. A experiência é descrita em retrospectiva, apresentando um contorno através de linha do tempo e a descrição sobre o que se passou feita de forma narrativa, relatando o caminho para a experiência, a história e constituição do grupo de pesquisa, seus ambientes e as atividades desenvolvidas nos projetos. Analisou-se a experiência relatada em dois eixos que representam lições aprendidas: o lugar do aluno de graduação nos grupos de pesquisa e as potencialidades na participação ativa em grupo de pesquisa para formação do nutricionista. A participação do graduando em nutrição em grupos de pesquisa é condicionada à sua intencionalidade, mas também é possível afirmar que o acontecer e o como acontece essa experiência pode vir a afetar a intencionalidade do estudante em seu processo de aprendizagem. Sabendo do potencial formador de grupos de pesquisa e reconhecendo essa participação como uma oportunidade de construção de saberes necessários ao nutricionista, torna-se iminente a importância da defesa de verbas e condições para pesquisa,

de forma a garantir recursos para o exercício da pesquisa enquanto ferramenta pedagógica, através da qual é possível transformar realidades.

**Descritores:** Relato de experiência; grupos de pesquisa; construção de saberes; graduação; nutrição.

# SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	7
<b>MÉTODOS .....</b>	14
<b>RELATO DE EXPERIÊNCIA.....</b>	18
O CAMINHO PARA A EXPERIÊNCIA .....	19
O GRUPO DE PESQUISA .....	21
A “SALINHA”.....	23
A HORTA .....	25
AS ATIVIDADES PARA PROJETOS DE PESQUISA E ENSINO .....	27
Mapeamento e Diagnóstico da Rede Local de Segurança Alimentar e Nutricional da Região do Butantã– São Paulo/SP .....	27
Modelo Lógico do Processo de Elaboração do Plano Municipal de Segurança Alimentar e Nutricional de São Paulo/SP .....	29
Relações entre as Escolhas Alimentares de Estudantes, os Diálogos Familiares e as Ações de Promoção da Alimentação Adequada e Saudável no Ambiente Escolar .....	31
Monitoria na Disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso.....	33
<b>ANÁLISE E LIÇÕES APRENDIDAS .....</b>	35
O LUGAR DO ALUNO DE GRADUAÇÃO DENTRO DOS GRUPOS DE PESQUISA .....	35
POTENCIALIDADES NA PARTICIPAÇÃO ATIVA EM GRUPO DE PESQUISA PARA FORMAÇÃO DO NUTRICIONISTA.....	42
<b>CONCLUSÕES / CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	51
<b>IMPLICAÇÕES PARA A PRÁTICA NO CAMPO DE ATUAÇÃO.....</b>	53
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	54
<b>APÊNDICES.....</b>	56
<b>ANEXO .....</b>	71

## **INTRODUÇÃO**

O Conselho Federal de Nutricionistas atribui ‘Nutrição no Ensino, na Pesquisa e na Extensão’ como uma das seis áreas de atuação do nutricionista, tendo como subáreas: Coordenação/Direção, Docência (Graduação) e Pesquisa<sup>1</sup>. No entanto, além de uma subárea de atuação profissional, a pesquisa está inserida no próprio processo de formação do nutricionista como um profissional generalista, com uma perspectiva humanista e crítica.

A pesquisa como um instrumento fundamental do processo pedagógico e do trabalho da (o) nutricionista é apresentada no Projeto Político Pedagógico do curso de graduação em nutrição da Faculdade de Saúde Pública (FSP) da Universidade de São Paulo (USP) sendo um dos princípios orientadores do curso<sup>2</sup>.

A pesquisa pode também ser reconhecida entre as finalidades da própria educação superior descritas na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional<sup>3</sup>:

*I - Estimular a criação cultural e o desenvolvimento do espírito científico e do pensamento reflexivo;*

*II - formar diplomados nas diferentes áreas de conhecimento, aptos para a inserção em setores profissionais e para a participação no desenvolvimento da sociedade brasileira, e colaborar na sua formação contínua;*

*III - incentivar o trabalho de pesquisa e investigação científica, visando o desenvolvimento da ciência e da tecnologia e da criação e difusão da cultura, e, desse modo, desenvolver o entendimento do homem e do meio em que vive;*

*IV - promover a divulgação de conhecimentos culturais, científicos e técnicos que constituem patrimônio da humanidade e comunicar o saber através do ensino, de publicações ou de outras formas de comunicação;*

*V - suscitar o desejo permanente de aperfeiçoamento cultural e profissional e possibilitar a correspondente concretização, integrando*

*os conhecimentos que vão sendo adquiridos numa estrutura intelectual sistematizadora do conhecimento de cada geração;*

*VI - estimular o conhecimento dos problemas do mundo presente, em particular os nacionais e regionais, prestar serviços especializados à comunidade e estabelecer com esta uma relação de reciprocidade;*

*VII - promover a extensão, aberta à participação da população, visando à difusão das conquistas e benefícios resultantes da criação cultural e da pesquisa científica e tecnológica geradas na instituição.*

*VIII - atuar em favor da universalização e do aprimoramento da educação básica, mediante a formação e a capacitação de profissionais, a realização de pesquisas pedagógicas e o desenvolvimento de atividades de extensão que aproximem os dois níveis escolares.*

Para Antônio Joaquim Severino, o ensino superior visa atingir três objetivos: 1º) formação profissional mediante o ensino/aprendizagem de habilidades e competências técnicas; 2º) formação do cientista mediante a disponibilização dos métodos e conteúdo de conhecimento e 3º) formação do cidadão, pelo estímulo de uma tomada de consciência, por parte do estudante, do sentido de sua existência histórica, pessoal e social, trata-se, então, do despertar de uma consciência social<sup>4</sup>.

Com a finalidade de alcançar esses objetivos, as Universidades - definidas como “instituições pluridisciplinares de formação dos quadros profissionais de nível superior, de pesquisa, de extensão e de domínio e cultivo do saber humano”<sup>3</sup> - desenvolvem as atividades de ensino, pesquisa e extensão que devem estar articuladas entre si e são indissociáveis, sendo conferida à pesquisa um papel de sustentação para as atividades de ensino e extensão<sup>4</sup>.

Considerando que o ensino não é apenas a transmissão do que já é conhecido, mas o processo que leva à capacidade de observação e de reflexão crítica, para Werneck o objetivo primordial das instituições de ensino não é a produção de saberes no sentido de resultados de pesquisa científica, mas a construção individual de conhecimento<sup>5</sup>.

Apesar de a tradição cultural brasileira privilegiar a Universidade como espaço de ensino praticado principalmente como transmissão de produtos do conhecimento, esse espaço deve ser reconhecido em seu objetivo de produção do conhecimento, pois a distinção de atividades é apenas uma estratégia operacional e os processos de socialização dos produtos do

conhecimento, que são o ensino e a extensão, não devem ser desvinculados de seu processo de geração - a pesquisa<sup>4</sup>.

Para Paulo Freire não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino<sup>6</sup>:

*Esses quefazeres se encontram um no corpo do outro. Enquanto ensino continuo buscando, reprocurando. Ensino porque busco, porque indaguei, porque indago e me indago. Pesquiso para constatar, constatando, intervenho, intervindo educo e me edoco. Pesquiso para conhecer o que ainda não conheço e comunicar ou anunciar a novidade.*  
(Freire, 2020)

Consideremos então, a pesquisa como, além de uma subárea de atuação do nutricionista<sup>1</sup>, uma prática que deveria permear toda a formação desse profissional e que as contribuições de uma formação que capacita para atuação na pesquisa vão além do desenvolvimento de competências para as atividades previstas na definição da área de Ensino, Pesquisa e Extensão<sup>2,7</sup>.

As Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino de Graduação em Nutrição<sup>8</sup> definem os princípios, fundamentos, condições e procedimentos da formação de nutricionistas e indicam que a estrutura do Curso de Graduação em Nutrição deve assegurar a articulação entre o ensino, pesquisa e extensão, de forma a garantir um ensino crítico, reflexivo e criativo, que leve à construção do perfil almejado do profissional, estimulando a realização de projetos de pesquisa e socializando o conhecimento produzido. Prevê ainda que haja definição de estratégias pedagógicas que articulem o saber; o saber fazer e o saber conviver, visando desenvolver o aprender a aprender, o aprender a ser, o aprender a fazer, o aprender a viver juntos e o aprender a conhecer que constitui atributos indispensáveis à formação do Nutricionista<sup>8</sup>.

O Código de Ética e de Conduta do Nutricionista<sup>9</sup> coloca entre os princípios fundamentais da profissão uma atuação pautada pela defesa de Direitos, com desempenho de atribuições de maneira dialógica e sem discriminação de qualquer natureza, com respeito à vida, à singularidade e à pluralidade; afirma que a atenção nutricional prestada deve ir além do significado biológico da alimentação e considerar suas dimensões ambiental, cultural, econômica, política, psicoafetiva, social e simbólica; pontua também que a participação do nutricionista em espaços de diálogo e decisão é fundamental, possibilitando o exercício da cidadania, o compromisso com o desenvolvimento sustentável e a preservação da biodiversidade, a proteção à saúde e a valorização profissional; ainda afirma que o profissional

deve ser comprometido com o contínuo aprimoramento profissional para qualificação técnico-científica visando à promoção da saúde e à alimentação adequada e saudável <sup>9</sup>.

Considerando como o fundamental do conhecimento o seu processo e não só como produto, o envolvimento do estudante ainda na fase de graduação nos processos de produção do conhecimento, familiarizando-se com as práticas teóricas e empíricas da pesquisa, pode ser o caminho mais adequado para o alcance de objetivos da própria aprendizagem <sup>4</sup>. Um processo de ensino/aprendizagem com ênfase ao desenvolvimento efetivo do espírito crítico, desenvolvendo no estudante sua capacidade de analisar, avaliar, questionar, investigar, divergir, argumentar e experimentar é viável através da interação entre ensino e pesquisa nos currículos universitários <sup>7</sup>.

Para conclusão do curso de graduação em nutrição, o aluno deve elaborar um trabalho sob orientação docente <sup>3</sup>. O Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) visa avaliar, propor, discutir, revisar e/ou apresentar soluções para um problema de relevância para as áreas de atuação profissional do nutricionista. O TCC é um contato com a prática de pesquisa para todo estudante de nutrição ao final do curso, mas outros meios de aproximação do estudante com a pesquisa são possíveis durante a graduação, com oportunidades de contato direto com a atividade científica e engajamento na pesquisa, sendo instrumento de apoio teórico e metodológico à realização de um projeto de pesquisa e de formação <sup>2</sup>.

Sabendo que no exercício da pesquisa, na sua vivência e paixão o aprender a aprender encontra ancoragem, a falta de continuidade em uma aprendizagem que deveria ocorrer de forma gradual e permanente dificulta a formação crítico-reflexiva do graduando, dessa forma para Therrien e Feitosa a elaboração do TCC ao final do curso ou mesmo a estruturação de disciplinas voltadas à pesquisa não são suficientes, tornando-se, assim, importante o envolvimento do estudante nas chamadas “ações concretas de incentivo a pesquisa”, que podem se dar por meio da participação dos estudantes em grupos de pesquisa <sup>7</sup>.

O conceito de grupo de pesquisa condiz com um grupo de pesquisadores, docentes, estudantes e pessoal de apoio técnico, que se organizam em torno de linhas de pesquisa. As interações entre os integrantes desses grupos respeitam uma hierarquia na qual são valorizadas a experiência e a competência técnico científica do (s) líder (es). Esse conjunto de pessoas compartilha recursos, informações e instalações físicas a fim de gerar conhecimento científico por meio de processos colaborativos de pesquisa. Os grupos podem ser compostos pelo docente-pesquisador e por seus estudantes de pós-graduação e/ou graduação <sup>10</sup>.

Odelius et al. apresentam que grupos de pesquisa podem ser considerados ambientes propícios à aquisição e à disseminação interna e externa de habilidades intelectuais complexas. Os conhecimentos declarativos, que são aqueles passíveis de serem aprendidos em exposições orais e pela leitura de textos, e procedimentais relacionados aos temas e métodos de produção de conhecimentos podem ser adquiridos pelos estudantes em disciplinas oferecidas na universidade. Enquanto os conhecimentos mais complexos, por exemplo, relativos à pesquisa, são adquiridos pela participação em grupos. Além de habilidades intelectuais, o processo de aprendizagem em organizações e em grupos de pesquisa, resulta na adoção de novos valores, crenças e atitudes<sup>10</sup>.

É importante destacar que a criação de grupos de pesquisa, a contribuição de agências de fomento e as bolsas universitárias para iniciação científica representam um marco de inclusão da pesquisa na formação desde a graduação, é um caminho para socializar a produção e compartilhar experiências na produção de trabalhos científicos e no desenvolvimento de uma postura investigativa por parte dos estudantes<sup>7</sup>.

Os alunos podem se envolver nessas ações concretas de incentivo à pesquisa, por exemplo, por meio do apoio de programas de Iniciação Científica desenvolvidos pelo CNPq com as instituições de ensino, como o PIBIC - Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica que atende a instituições públicas ou privadas<sup>11</sup>. Para participar do PIBIC o estudante de graduação deve encontrar um pesquisador que esteja disposto a integrá-lo em sua pesquisa e orientá-lo, e deve dedicar-se integralmente às atividades acadêmicas e de pesquisa. A bolsa tem duração de doze meses<sup>12</sup>.

Para os alunos da USP também é possível participar do PUB - Programa Unificado de Bolsas de Estudos para Estudantes de Graduação, que tem o objetivo de engajar os alunos em atividades de investigação científica ou projetos de extensão da Universidade, de maneira a contribuir para a formação acadêmica e profissional. Esse Programa integra a Política de Apoio à Permanência e Formação Estudantil da USP e para concorrer às bolsas os estudantes precisam estar inscritos no Programa de Apoio à Permanência e Formação Estudantil da Superintendência de Assistência Social. Os Professores da USP podem cadastrar seus projetos no PUB para estudantes da Graduação, a bolsa também tem duração de 12 meses<sup>13</sup>.

Além das atividades mencionadas, que são diretamente relacionadas à pesquisa, há também a possibilidade de aproximação com atividades de ensino na Universidade como a monitoria que tem por finalidade despertar o interesse pela carreira docente prevista na formação do

nutricionista<sup>2</sup>. Para estudantes de todos os cursos da USP, que tenham bom rendimento escolar, e desempenho destacado em uma disciplina escolhida para desenvolver as atividades de monitoria, é possível participar do Programa de Estímulo ao Ensino de Graduação (PEEG) que tem o objetivo de incentivar alunos da graduação a aperfeiçoarem estudos em uma área de conhecimento de maior interesse, por meio do desenvolvimento de atividades supervisionadas de ensino. O PEEG atende a uma turma, ou a um conjunto de turmas de uma mesma disciplina, que receberá o monitor. Cabe à Comissão de Graduação receber e avaliar os projetos de cada disciplina para proceder à distribuição de bolsas e para concorrer a uma vaga de monitor, o aluno deve se inscrever no projeto da disciplina cujo conteúdo ele domina por ter cursado a própria disciplina ou equivalente<sup>14</sup>.

Na FSP / USP o estudante de nutrição pode ainda participar do Programa Aluno Monitor, uma ação da Faculdade que visa promover cooperação entre professores e alunos e o aperfeiçoamento de estudos em uma disciplina de seu interesse, por meio de atividades supervisionadas de ensino. Como requisito para seleção, o estudante não deve acumular outras bolsas da Comissão de Graduação da FSP. No período da realização das atividades de monitoria, o aluno deve cumprir 6 horas semanais combinadas de acordo com as conveniências entre Professor e estudante. O exercício da função de monitor é considerado título para posterior ingresso na carreira docente<sup>15</sup>.

Assim, pode-se dizer que para o estudante de nutrição da FSP, há diferentes vias para participação em atividades de pesquisa, ensino ou extensão, que podem acontecer recebendo o auxílio de uma bolsa ou como voluntário. Percebe-se, no entanto, que do início da graduação até o momento de elaboração do TCC, a vivência nessas atividades limita-se aos estudantes que a buscam de forma voluntária e independente, podendo acontecer apenas durante um tempo limitado ligado a um projeto específico. Dessa forma, tanto vivenciar ou não essa experiência de pesquisa além do desenvolvimento do TCC, quanto ainda o momento para dar início ao envolvimento em atividades de pesquisa, ensino e/ou extensão fica a critério de cada estudante, podendo assim não fazer parte da formação do nutricionista ou acontecer desde o início por meio de diferentes atividades ou apenas ao final do curso de graduação, a depender ainda dos processos de seleção de cada programa.

Reconhecendo a participação do aluno de graduação em grupos de pesquisa como uma possibilidade para vivenciar a pesquisa de forma transversal e contínua, e seu potencial para aprendizagem, considero neste trabalho tal experiência como campo para observar a pesquisa

sob sua perspectiva pedagógica, de forma a ressaltar a importância do ensino adequadamente feito como desenvolvimento da capacidade de crítica, de análise e de síntese<sup>5</sup>.

A Diretriz Curricular do curso de nutrição afirma que a formação do nutricionista tem por objetivo dotar o profissional dos conhecimentos requeridos para o exercício de competências e habilidades específicas<sup>8</sup>. O conceito de competência está associado à aquisição de conhecimentos e ao domínio, no plano psicológico e individual, de princípios e regras de uso da informação para resolver problemas<sup>16</sup>.

Proponho, no entanto, refletirmos sobre as contribuições da participação do aluno de graduação em nutrição em grupos de pesquisa para além do termo de dotar competências, considerando a perspectiva de construção de saberes.

Entre a tipologia das formas de mobilização do conhecimento, o saber é o conhecimento situado e construído na interação social e sobre a singularidade das situações sociais. Assim, o saber se distingue de outras formas de conhecimento, porque coincide o seu uso e a sua procura, permitindo ao indivíduo o desenvolvimento de um conhecer adaptado à singularidade das situações e pessoas que interagem em concreto. Uma forma de conhecer mais informal, intuitiva e tácita que acontece no cotidiano<sup>16</sup>. O saber é entendido não como conhecimento constituído por dados prontos e definitivos, mas como um conjunto provisório em constante processo de revisão e de reconstrução<sup>5</sup>.

A noção de “construção do conhecimento” pode ser entendida como constituição de saberes aceitos em determinado tempo histórico e/ou como processo de aprendizagem do sujeito. Ainda que não seja requerido ao estudante refazer todo caminho da ciência e “redescobrir” os conteúdos dos saberes, mas sim que ele possa apreender saberes, esse processo exige uma “reconstrução” do conhecimento, de modo que o saber se constitua parte de si próprio e não como algo sobreposto, aceito sem apreensão. É desse modo que o aprender é dito não como um processo de acumulação, mas como um processo de construção<sup>5</sup>. Então, esclareço que o termo “construção de saberes” aqui mencionado se refere ao processo de aprendizagem, de apreensão e elaboração de conteúdos pelo sujeito que modifica seu modo de ser e não necessariamente a produção científica como uma inovação na bagagem do saber da humanidade.

*No processo de aprendizagem é necessário, de início, a compreensão do conteúdo objetivado podendo essa compreensão, ser entendida como uma construção do conhecimento e, ao mesmo tempo, como uma construção das estruturas cognitivas do sujeito. (Werneck, 2006)*

O objetivo deste trabalho é refletir, a partir de um relato de experiência, sobre a participação do estudante de graduação em nutrição em grupos de pesquisa, por meio de diferentes atividades de pesquisa, extensão e ensino, como uma oportunidade de construção de saberes para a formação profissional e social.

## MÉTODOS

O trabalho de conclusão de curso (TCC) é uma atividade que visa articulação e consolidação do processo formativo do aluno pela construção de conhecimento científico em sua área<sup>4</sup>. Este TCC propõe a Análise de Relato de Experiência como tipo de estudo, foi submetido à apreciação do Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade de Saúde Pública da USP com aprovação no parecer número 4.236.260, conforme Anexo 1. Trata-se de uma pesquisa de cunho qualitativo que pretende abordar o saber resultante de uma experiência através da linguagem, sendo um trabalho que envolve o exercício da memória e de criar conexões, requerendo competências reflexivas, associativas e narrativas<sup>17</sup>.

Foi considerado que a experiência se constrói na relação de cada um com determinada circunstância, entendida em um sentido mais amplo de interação do sujeito com o mundo. Desse modo, a atividade em si não constitui experiência<sup>18</sup>. Bondía sugere pensar a experiência como a relação com algo que se experimenta, o autor resume que “a experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca”, enfatizando que a experiência não acontece sem o sujeito afetado, pois algo pode se passar sem que nada ‘nos’ aconteça<sup>19</sup>.

Destaca também a importância de diferenciar informação de experiência, pois um sujeito pode saber novas coisas, mas aquilo não o transformar. Em um contexto de excesso de informações e outros estímulos, em que tudo acontece de forma veloz, o sujeito em uma vivência pontual é atravessado, agitado, chocado, mas nada lhe acontece, por outro lado, o sujeito da experiência é um sujeito exposto, receptivo, possuído pelo que lhe atravessou<sup>19</sup>.

Daltro e De Faria afirmam que a um relato de experiência não se atribui o termo ‘validade’, o que pressupõe uma uniformização, enquanto o saber gerado pela experiência é singular e

atrelado à sensibilidade e personalidade de um sujeito. No entanto, é possível atribuir legitimidade, o que tem a ver com estar amparado ou ser justificado, pela capacidade de construção de sentido, integrando aspectos críticos<sup>17</sup>. Uma análise de relato de experiência propõe-se, então, a provocar o surgimento de problematizações de conhecimento científico organizadas pela experiência<sup>19</sup>.

A experiência relatada e a partir da qual sugere-se uma análise e discussão se refere às vivências advindas da participação no grupo de pesquisa Promoção da Saúde e Segurança Alimentar e Nutricional (PSSAN) como aluna de graduação em nutrição exercendo atividades de pesquisa, extensão e ensino entre os anos de 2015 e 2020.

A experiência é descrita em retrospectiva. Primeiramente, é apresentado o contorno da experiência através de uma linha do tempo (figura 1), com pretensão de delimitar e ilustrar a trajetória de acontecimentos que contribuíram na construção do saber da experiência de referência. Em sequência, é feita uma descrição narrativa sobre a experiência de forma a preencher o contorno apresentado na linha do tempo, descrevendo sobre o que se passou na experiência. Foram utilizadas no processo de resgate da memória: fotos, anotações pessoais, relatórios e outros documentos relacionados com as atividades desenvolvidas.

Sendo o grupo de pesquisa PSSAN o campo da experiência de referência, fez-se necessário conhecer sua história e caracterizá-lo. Para tanto, foram realizadas entrevistas semiestruturadas com a líder do grupo e outros quatro membros que fazem parte do PSSAN desde o seu início. Também foi realizada uma entrevista com outras duas informantes que participaram do grupo como alunas de graduação. O objetivo da entrevista foi trazer outras perspectivas sobre a participação do aluno de graduação em nutrição no grupo que pudessem dialogar com a experiência de referência. Entrevistas semiestruturadas combinam perguntas abertas e fechadas, sendo possível ao informante discorrer sobre o tema proposto. A técnica de entrevista semiestruturada permite uma cobertura mais profunda sobre o assunto e colabora muito na investigação de aspectos valorativos dos informantes que determinam significados pessoais de suas atitudes e comportamentos<sup>20</sup>.

As entrevistas foram realizadas via Google Meet e gravadas para posterior transcrição. As transcrições foram analisadas com o auxílio do software NVivo, um programa para análise de informação qualitativa que integra ferramentas para o trabalho com documentos textuais, multimétodo e dados bibliográficos. Ele facilita a organização de entrevistas, categorização dos

dados e análises, mas não substitui a responsabilidade do pesquisador na interpretação substantiva dos resultados<sup>21</sup>.

Os informantes foram escolhidos por critério de participação no grupo em seu momento de formação somado à participação na experiência relatada, exceto pelas alunas de graduação que atenderam ao critério de proximidade com a experiência e participação ativa no grupo em suas próprias experiências. O número de entrevistas foi limitado considerando o tempo hábil para análise das informações. O quadro 1 apresenta o perfil das pessoas entrevistadas.

Quadro 1. Perfil das pessoas entrevistadas

E1	Professora na FSP desde 2004, Livre-Docente em Promoção da Saúde. Líder do PSSAN desde a criação do grupo em 2011.
E2	Graduada em Letras e Administração, fez parte da criação do PSSAN enquanto mestranda e continuou os trabalhos com o grupo em seu projeto de doutorado. Atualmente é Mestra e Doutora em Ciências pelo Programa de pós-graduação em Saúde Pública e mantém vínculo com o grupo.
E3	Graduada em Nutrição, participa do PSSAN desde 2013 ingressando como aluna de graduação para participar de Iniciação Científica vinculada ao projeto que deu origem ao grupo. Realizou sua pesquisa de mestrado e desenvolve a de doutorado junto ao PSSAN. Atualmente também atua como professora.
E4	Graduada em Nutrição com bacharelado em Filosofia em andamento. Participa do PSSAN desde a elaboração do projeto de origem do grupo em 2011, enquanto era mestranda. É Mestra e Doutora em Ciências, pelo Programa de pós-graduação em Saúde Pública e mantém vínculo com o grupo.
E5	Graduada em Nutrição e Mestra em Nutrição em Saúde Pública e Doutora em Ciências pelo Programa de Saúde Pública. Realizou sua pesquisa de doutorado junto ao projeto inicial do PSSAN. Atualmente é Pesquisadora Científica no Instituto de Saúde - Secretaria de Saúde do Estado de São Paulo e mantém vínculo com o grupo.
E6	Graduada em Nutrição, ingressou no PSSAN como aluna de graduação em 2015 no projeto da Horta da FSP, também participou de projeto de Iniciação Científica e Monitoria de forma vinculada ao grupo. Atualmente é nutricionista residente e mantém vínculo com o grupo.
E7	Estudante de graduação em Nutrição, ingressou no PSSAN em 2017 pelo projeto da Horta da FSP, realizou atividades de monitoria vinculada ao grupo, também participou de projeto de Iniciação Científica em outro departamento na FSP. Atualmente continua exercendo atividades junto ao PSSAN participando de projeto de pesquisa.

As perguntas norteadoras se basearam em três eixos direcionadores, que são: a trajetória pessoal e a intersecção com o grupo, a história e constituição do PSSAN e a participação do aluno de graduação em nutrição no grupo.

Dessa forma, as entrevistas tiveram como objetivo fornecer subsídios para apresentar a conformação do grupo como pano de fundo da experiência e trazer diferentes perspectivas sobre a participação do aluno de graduação em nutrição no grupo, dessa maneira também procurou-se criar elos entre o que é único/próprio da experiência e o que pode ser expandido para a discussão sobre a construção de saberes na graduação.

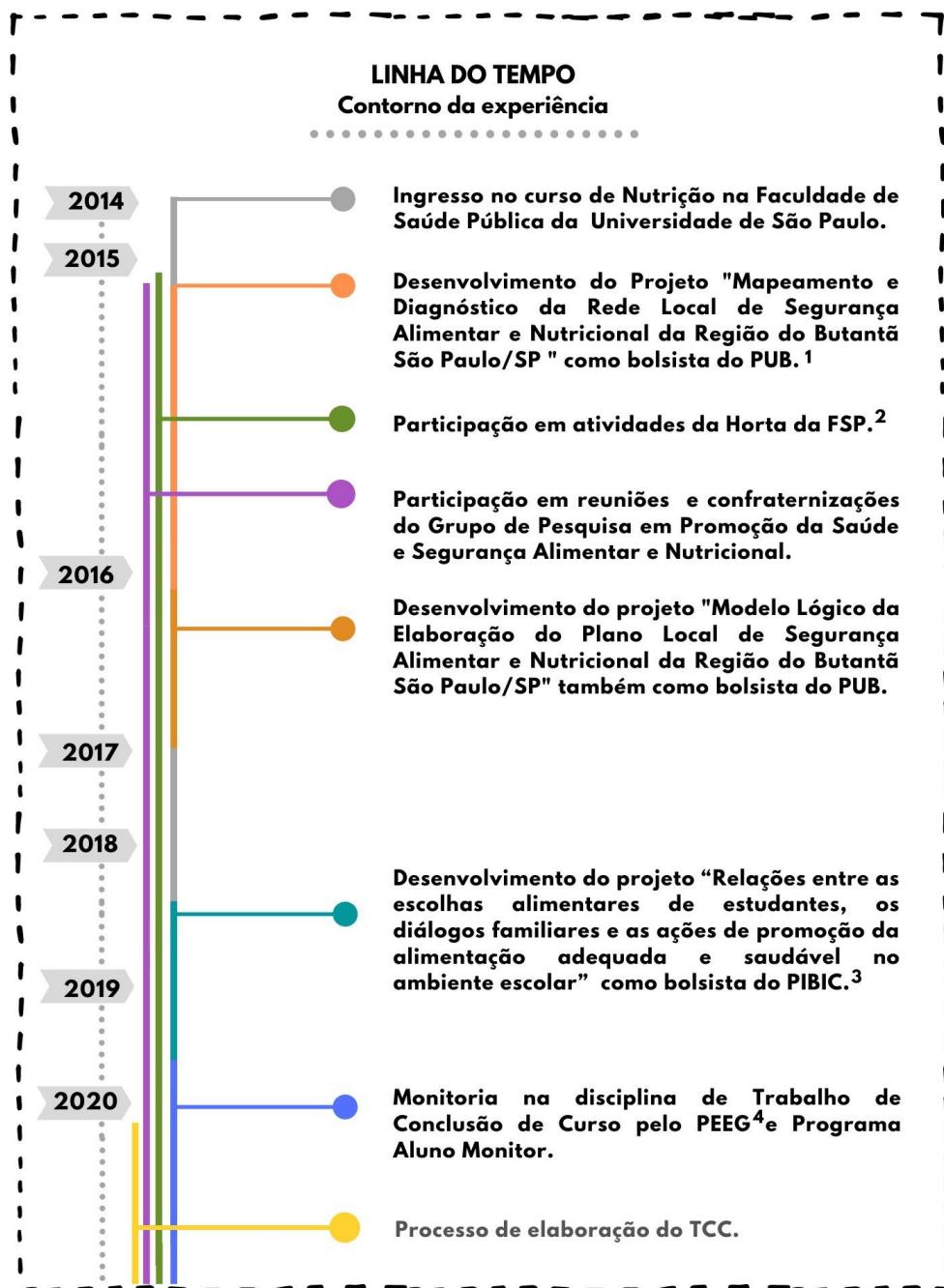
Foram delimitados dois pontos de reflexão para análise da experiência:

1. O lugar do aluno de graduação dentro dos grupos de pesquisa;
2. Potencialidades na participação ativa em grupo de pesquisa para formação do nutricionista.

O referencial teórico que traz elementos para contextualização e discussão ao longo do trabalho considera documentos elementares que dispõem sobre graduação, atividades de pesquisa, ensino e extensão, a formação e atuação em nutrição, bem como emergiu do levantamento bibliográfico com busca de artigos em português na plataforma Scielo, utilizando as palavras-chaves: Relato de experiência, grupos de pesquisa, construção de saberes, graduação, nutrição.

## RELATO DE EXPERIÊNCIA

Figura 1. Linha do tempo para contorno da experiência.



1 - Programa Unificado de Bolsas para Graduação. 2 - Faculdade de Saúde Pública. 3 - Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica. 4 - Programa de Estímulo ao Ensino de Graduação.

## O CAMINHO PARA A EXPERIÊNCIA

Em agosto de 2014 eu ingressei no curso de graduação em nutrição da FSP pelo processo de transferência externa e, como qualquer outro estudante aprovado em uma Universidade Pública, com sentimento de orgulho e satisfação, mas talvez com uma curiosidade a mais para viver o que seria o diferencial da renomada USP. No entanto, não há para os ingressantes dos processos de transferência externa que iniciam suas atividades na FSP em agosto, uma semana de recepção para calouros ou um veterano que estaria comprometido a me apresentar a Universidade como acontece no início de cada ano. Assim, foi aos poucos que fui descobrindo a riqueza de possibilidades dentro da Universidade e entendendo suas dinâmicas que diferem em muitos aspectos das faculdades privadas pelas quais eu havia passado anteriormente.

Comecei cursando as disciplinas do período ideal para o segundo semestre do curso, entre elas 'Promoção da Saúde'. Lembro-me do encantamento específico que senti pelo conteúdo desta disciplina e pela abordagem da professora com a estagiária PAE e a monitora, eu admirava a comunicação fluida e interessada entre elas e delas para com a turma. O conteúdo da disciplina despertava em mim uma nova perspectiva para atuação do nutricionista e transformava minha visão da própria nutrição, enquanto apresentava a saúde da forma mais ampliada que eu já tinha escutado até então.

Durante uma aula de Promoção da Saúde ao final do segundo semestre de 2014, um estudante de outro semestre divulgou o projeto da Horta da FSP, eu me identifiquei com a proposta e a vi como uma oportunidade de me aproximar da temática pela qual eu tinha me interessado e da Professora da disciplina que também era coordenadora desse projeto de extensão. Conversei com ela sobre meu interesse e meu entusiasmo foi acolhido com a afirmação de haver possibilidades para a aproximação que eu desejava.

Antes de ser aluna na FSP eu já havia cursado nutrição no ano de 2013 em uma instituição privada e no primeiro semestre de 2014 em outra, o que me possibilitou começar um estágio extracurricular assim que ingressei na USP. Então, no fim do primeiro semestre de 2015 eu estagiava no Programa Viva Leite da Secretaria de Desenvolvimento Social do Estado/SP há um ano e foi quando a Prof.<sup>a</sup> coordenadora do Projeto da Horta da FSP e do Grupo de Pesquisa em Promoção da Saúde e Segurança Alimentar e Nutricional (PSSAN) me falou sobre a oportunidade aberta para participar de um projeto de pesquisa pelo PUB. Apesar da

possibilidade de renovar o contrato de estágio por mais um ano e a impossibilidade de manter ambas atividades, decidi participar da seleção. Se eu fosse selecionada não renovaria o estágio e escolheria mudar o caminho para uma experiência na pesquisa, a qual eu desejava há um tempo.

Lembro-me que enquanto eu esperava ser chamada para a entrevista de seleção, uma outra aluna já entrevistada conversava com alguma conhecida que a perguntou sobre como foi o processo. Ela contou sobre seu desempenho, impressões sobre o projeto e ao final da conversa, imagino eu que sem saber da presença de outra participante do processo, comentou que outra estudante também concordaria, mas que essa aluna era do primeiro ano logo, não teria chance comparada a ela que estava em algum semestre mais avançado.

Eu, em pensamento, concordei com aquela estudante. Veio-me à lembrança uma tentativa frustrada de participar de algum projeto de pesquisa enquanto estava no primeiro ano do curso em uma faculdade privada - a conversa com uma professora que me disse que era cedo demais para eu pensar em algo assim e com a outra que disse para eu escrever um projeto e que depois disso pensaria na possibilidade de me orientar. E eu passei a acreditar que era cedo demais porquê, de fato, eu nem sabia por onde começar a escrever um projeto, assim eu desisti. Iniciar-se na ciência, nas atividades de pesquisa no primeiro ano de um curso de graduação não parecia até ali o certo a se fazer, mas lá estava eu tentando uma nova chance.

Para minha surpresa, fui selecionada para ser a bolsista do PUB Edital 2015-2016 no Projeto de Pesquisa “Mapeamento e Diagnóstico da Rede Local de Segurança Alimentar e Nutricional da Região do Butantã– São Paulo/SP”. Enfim teria início a participação em pesquisa que eu desejava experienciar.

Antes de descrever as minhas vivências advindas estritamente das atividades desenvolvidas nos projetos que participei com o PSSAN, é importante que eu discorra brevemente sobre o grupo e minhas impressões a respeito do ambiente de trabalho, pois certamente esse ambiente influenciou os encaminhamentos da minha experiência e é parte fundamental dela.

## O GRUPO DE PESQUISA

O Grupo de Pesquisa Promoção da Saúde e Segurança Alimentar e Nutricional (PSSAN) nasce em 2011, ligado à Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo, com a elaboração de um Projeto de Pesquisa - Agricultura Urbana, Promoção da Saúde e Segurança Alimentar e Nutricional no município de Embu das Artes, e se consolida com a organização da equipe de pesquisadoras e alunas para realizar o projeto financiado pela FAPESP.

A Líder do grupo possui graduação em Pedagogia pela Faculdade de Educação da USP, Especialização, Mestrado e Doutorado em Saúde Pública e Livre-Docência em Promoção da Saúde, sendo docente da FSP desde 2004. Ela afirma que o surgimento do PSSAN se deu como uma iniciativa e articulação do grupo e não como uma iniciativa própria e individual.

Em seu início o grupo é estabelecido com uma conformação multiprofissional por reunir no projeto pesquisadoras com formação nas áreas de educação, nutrição, enfermagem, ciências sociais e administração. Além das diferentes áreas de formação, a diversidade de experiências anteriores das participantes se apresenta como um aspecto importante que conferiu ao grupo uma característica de diversidade e complementaridade em torno do eixo da Promoção da Saúde que se mantém até hoje. Uma diversidade que é vista na trajetória do grupo também entre os níveis de formação acadêmica de seus membros, envolvendo Professoras, alunas de Doutorado, Mestrado, Técnicos e alunos de graduação.

A princípio, o PSSAN se organiza em função da realização de um projeto em comum relacionado à Agricultura Urbana. Com o encerramento desse projeto após 2 anos, ocorreram mudanças nas relações, no grau e na forma de envolvimento das pesquisadoras que atuaram em seu início, mas se mantiveram vinculadas ao grupo. O PSSAN prosseguiu aglutinando diferentes pesquisadores, com diversas áreas de formação, acolhendo outras temáticas relacionadas a SAN e a Promoção da Saúde, levando a alimentação e nutrição como uma discussão política para o Departamento de Política, Gestão e Saúde da Faculdade de Saúde Pública.

Em 2013 surgiu a ideia do Projeto de Extensão ligado ao grupo, a Horta da FSP, que se inicia em 2014 por uma convergência de situações favoráveis na Universidade. A Horta, que nasceu como fruto da vivência no primeiro projeto desenvolvido pelo PSSAN, se torna então o elo entre os pesquisadores e favorece ainda hoje a aproximação de alunos de graduação ao grupo.

As dinâmicas do grupo atualmente são diferentes de quando se trabalha em prol de um projeto de pesquisa único com financiamento, mesmo assim o PSSAN é visto por seus participantes como uma referência de grupo e um espaço para construção de possibilidades de pesquisas e trocas. O acolhimento e o respeito por cada uma das pessoas e suas características são vistos como pontos fortes pela líder do grupo que pauta seu modo de orientar na confiança e respeito mútuo. Ela afirma não haver um decálogo sobre os objetivos e intenções do grupo, mas que implicitamente os membros se identificam com um objetivo em comum, sabendo em torno do que se unem, e que as discussões dos últimos anos na Universidade e no país esclarecem a razão da união das pessoas que integram o PSSAN.

A postura não centralizadora, de horizontalidade, afeto e a formação da líder são mencionadas entre os demais membros como a principal razão pela dinâmica de coletividade e acolhimento de pessoas e ideias que acontece no grupo. O ambiente físico propício ao encontro e trocas também é reconhecido como positivo para o desenvolvimento dos trabalhos e das relações interpessoais. O PSSAN é visto por seus participantes como um grupo de pesquisa fortalecido por suas relações de afeto. Outra característica notável é a representação feminina do grupo, destacada como potência entre as alunas pelo que representa um grupo de mulheres seguindo na pesquisa científica, ainda que não se proponha o feminismo entre suas discussões diretamente, esta característica é reconhecida como importante na formação das pesquisadoras também como mulheres.

As linhas de pesquisa do PSSAN atualmente são Agricultura urbana, Ambiente alimentar, Direito Humano à Alimentação Adequada e Saudável, Participação Social e Políticas Públicas em Segurança Alimentar e Nutricional. O grupo participa da Rede Nacional de Pesquisa em Soberania e Segurança Alimentar e Nutricional e são descritas como repercussões dos trabalhos desenvolvidos a produção de conhecimento na área de interface entre promoção da saúde e segurança alimentar e nutricional, por meio de estudos nos níveis de iniciação científica, mestrado e doutorado; a contribuição para a elaboração e análise de políticas públicas na área de segurança alimentar e nutricional com enfoque em promoção da saúde e políticas públicas promotoras de saúde; a divulgação dos estudos produzidos e das experiências exitosas identificadas e a realização de eventos temáticos.

Atualmente, no que se refere à formação acadêmica, o grupo é composto por oito pesquisadoras em nível de doutorado, sete de mestrado, uma de mestrado profissional, uma de especialização e sete de graduação, sendo que dessas, quatro estão cursando a graduação.

## A “SALINHA”

No térreo do prédio principal da FSP fica o Departamento de Política, Gestão e Saúde. Lá, ao final do corredor à direita, está a sala 7 - ambiente com uma antessala para as salas de duas Professoras, essas duas salas têm grandes janelas com vista para o jardim da faculdade, as portas de ambas estão quase sempre abertas, o que permite que quem esteja na antessala também tenha a visão do jardim.

Na janela dessa antessala tem sempre alguns vasinhos de flores ou alguma planta que passa uma temporada criando raízes até ser transplantada na Horta da FSP. Essa janela dá vista para outras janelas do mesmo prédio e deixa o ambiente naturalmente bem iluminado e ventilado. Ao lado da janela na antessala há mesas com três computadores e do lado oposto dois armários onde ficam guardados materiais de uso coletivo.

Quem chega na porta de entrada da antessala está de frente para a janela e vê uma mesa grande com algumas cadeiras em volta, talvez seja uma mesa para seis cadeiras, mas certamente já se reuniu um número maior de pessoas em volta dela; ao lado da porta tem um espaço com um armário, onde se encontra “comidinhas” para momentos de café ou chá da tarde, e uma pequena mesa que dá suporte a uma cafeteira, uma chaleira elétrica, canecas e xícaras de café.

Esse espaço que une elementos típicos de uma sala de trabalho (computadores, armários de ferro, entre outros móveis e equipamentos) e elementos que me lembram cozinhas de casa (cafeteira, canecas, uma batata doce brotando na janela e etc.) é chamado de “salinha” por quem o frequenta.

Minha presença na salinha é um ponto matriz para a experiência a ser relatada, por isso o detalhamento em sua descrição. Era nessa salinha que eu passava a maior parte do tempo enquanto desenvolvia as atividades do projeto em que eu estivesse envolvida, era um ponto de encontro para pensar as atividades que deveriam ser executadas fora dali e onde aconteciam diversas interações valiosas.

Esse ambiente da salinha não seria um espaço tão importante na minha experiência ou mesmo tão agradável para mim, se não fosse pelas pessoas que o ocuparam e deram significado às vivências que se sucederam ali. A salinha estava frequentemente ocupada por pelo menos três pessoas, ou mais, trabalhando em seus projetos, majoritariamente mulheres - alunas de pós-

graduação e de graduação que participavam de projetos de pesquisa, ensino e extensão sob orientação da Prof.<sup>a</sup> líder do grupo.

Quando comecei o trabalho com o primeiro projeto a Prof.<sup>a</sup> me orientou a ficar à vontade para usar o espaço da salinha ou quando preferisse poderia usar os computadores na sala pró-aluno ou na biblioteca da Faculdade, mas pontuou ser importante que eu estivesse por ali com frequência.

Não se falou em palavras que aquela sala teria o objetivo de promover acolhimento e trocas em diferentes aspectos, mas isso estava implícito na receptividade de cada veterana a uma nova frequentadora da salinha e em detalhes da rotina do grupo que criava conexões entre as pessoas que compartilhavam o dia a dia naquele ambiente.

A presença na salinha expandia minhas interações com outros projetos para além dos quais eu estava envolvida diretamente, me permitia conhecer e dialogar com Professoras e outras alunas de períodos, cursos e graus de formação diferentes do meu em volta de uma mesa tomando café, isso me cativou.

Todos os dias um café era feito e quem estivesse na salinha era convidado a sentar-se à mesa e fazer uma pausa. Esse momento me era caro não só pelo prazer de tomar um café ou chá, mas por seu caráter despretensiosamente enriquecedor - um espaço de diálogo sobre assuntos diversos, onde eu escutava de forma próxima diferentes discussões em perspectivas com as quais eu não tinha contato em outros ambientes até então.

Nessas conversas corriqueiras eu assimilava informações sobre a Universidade, a pós-graduação, práticas e desafios da pesquisa e muitas vezes recebi informações que me auxiliaram no enfrentamento de desafios da graduação. Havia conversas sobre alguma notícia do momento, uma situação política, andamentos da pesquisa de alguém, sobre alguma disciplina que estava sendo cursada ou mesmo acontecimentos pessoais que eram compartilhados e acolhidos. Assim, eu sentia que meu repertório e interesses relacionados à profissão iam se expandindo a cada café, bem como eram impulsionadas transformações na minha própria visão de mundo.

Eu percebia uma cultura de cooperação entre o grupo sendo fortalecida por práticas como a pausa para o café, sair para o almoço em conjunto e também por outros momentos de confraternização que aconteciam em outros ambientes da Faculdade ou fora dela.

Esses momentos de confraternização aconteciam com frequência e entre as motivações estavam aniversários, defesa de alguma aluna do grupo ou encerramento do ano. Esses encontros, além

de fortalecer vínculos, promoviam em mim o sentimento de pertencimento que me faltava quando ingressei na USP, passei a me sentir parte do grupo e consequentemente da Universidade. Essas vivências estiveram presentes no decorrer de toda a experiência.

A cultura de cooperação do grupo podia ser de fato percebida no interesse genuíno das alunas pelo trabalho desenvolvido individualmente pelas outras, na escuta atenta e na fala respeitosa entre elas, no compartilhamento de desafios, na busca integrada por soluções e nas trocas contínuas de conhecimento e de diferentes saberes. A prática do cuidado mútuo também era notável, passando a ser exercida, inclusive, com Práticas Integrativas Complementares entre os membros do grupo presentes na salinha.

Outro aspecto que permeia esta experiência é a Horta da FSP, mais um ambiente e uma prática comum ao grupo. No que tange aos trabalhos do Grupo, a Horta é vista como um laboratório, um local de possibilidade para experimentação, para realização de práticas pedagógicas.

A Horta como um laboratório é uma perspectiva de olhar acadêmico, mas por ter apresentado a salinha com um olhar de afeto, farei o equivalente também com a Horta a seguir. No entanto, longe da intenção de anular a sua definição de laboratório, mas agregando-lhe valor.

Ao refletir sobre a relação da Horta da FSP com o PSSAN me ocorreu que a Horta é para a salinha como um quintal é para uma casa: a possibilidade de se estar ao ar livre, mas ainda dentro do lar, um espaço para encontros e de possibilidades para práticas diferentes.

## A HORTA

A Horta da FSP fica ao lado do prédio principal, quem entra pelo portão da rua Teodoro Sampaio e caminha até a biblioteca ou o restaurante universitário, passa ao lado dela depois de ter ultrapassado o jardim. É um espaço discreto, presenteia apenas os olhos atentos e curiosos que miram por entre os arbustos que separam o gramado do estacionamento lateral.

Seus canteiros foram planejados em oficinas de agroecologia, construídos coletivamente e neles são plantadas diferentes espécies de plantas alimentícias, das convencionais às não

convencionais. Tem uma produção que também é discreta e por seu objetivo de ser experimental, colaborativa, divertida e atenciosa é de dar orgulho a quem contribuiu.

Como mencionei anteriormente ao descrever o caminho para a experiência, o projeto da Horta da FSP foi o que me impulsionou a procurar a Prof.<sup>a</sup> responsável e começar a participar do grupo de pesquisa. No entanto, eu nunca participei como bolsista deste projeto de extensão em específico, o que não faz a minha participação nele menos importante para a experiência aqui relatada.

Há um movimento que faz acontecer naturalmente a interligação entre fazer parte do PSSAN em qualquer projeto que seja e se envolver com a Horta, talvez pelo fato de ambos terem surgido no mesmo tempo e contexto, mantendo-se unidos desde então, bem como pelo reconhecimento e prática da sinergia entre pesquisa e extensão.

As atividades desenvolvidas são sempre planejadas em conjunto entre os alunos de graduação bolsistas do PUB no projeto de extensão da horta, alunos de pós-graduação que participam do grupo e a Prof.<sup>a</sup> coordenadora. Todas as atividades têm a participação aberta para a comunidade e são divulgadas na Faculdade e na internet através de redes sociais.

Meu interesse pela Horta foi contínuo desde o primeiro ano até o presente, participei de atividades que foram de fundamental importância na construção de diferentes saberes e na minha apropriação de espaços na Universidade e também fora dela. Estive presente em mutirões para manutenção dos canteiros e plantio de mudas; oficinas diversas, como para construção de minhocário, composteira e hortas verticais; rodas de conversas sobre diferentes assuntos ligados à temática da agricultura urbana e promoção da saúde. Além dos momentos de fuga do estresse em que a Horta me acolheu.

As vivências nessas atividades aumentaram meu interesse por hortas de forma geral e como uma das pesquisadoras do grupo disse uma vez para expressar meu novo apreço pela temática - eu fui “picada pelo bichinho verde”. Não imaginava que o colocar das mãos na terra me faria sentir tão bem até eu o fazê-lo durante os mutirões. Eu quis estudar mais sobre agricultura urbana e também praticar mais, assim comecei minha própria horta em casa.

Quando eu me interessei pelo projeto da Horta da FSP minha primeira motivação foi a lembrança da infância das atividades na horta da escola, mas foi quando o termo “agricultura urbana”, outrora desconhecido para mim, se esclareceu e aprofundou durante oficinas e rodas

de conversas organizadas na Horta que eu entendi a significância de uma horta para alimentação, nutrição e promoção da saúde.

## AS ATIVIDADES PARA PROJETOS DE PESQUISA E ENSINO

A seguir farei o relato em ordem cronológica sobre a minha participação em três projetos de pesquisa junto ao PSSAN apontando oportunidades que identifiquei como chaves para meu processo de construção de saberes movido por essas vivências e ao final sobre as atividades de monitoria.

Acredito que cada projeto teria potencial para um RE por si só, vejo infindáveis possibilidades de discussão em cada um. No entanto, decidi por relatar todos como uma única experiência: a da participação em grupo de pesquisa ao longo da graduação. Por isso, tentarei simplificar ao máximo a descrição das atividades específicas em cada projeto sem perder informações importantes para a análise que irei propor.

### Mapeamento e Diagnóstico da Rede Local de Segurança Alimentar e Nutricional da Região do Butantã– São Paulo/SP

O primeiro projeto que participei estava vinculado a pesquisa de Doutorado de uma aluna com formação em letras e administração com experiência de atuação no terceiro setor, cujo projeto de mestrado esteve ligado à criação do PSSAN.

A Prof.<sup>a</sup> orientadora me apresentou essa aluna de pós-graduação em uma reunião e me fez saber que o contato maior seria entre nós durante o desenvolvimento do projeto. Foi uma reunião interessante, a doutoranda explicou seu trabalho e o que seria realizado no projeto, confesso que naquele momento não compreendi alguns termos e contextos, mas eu sabia que passariam a ser conhecidos. Então vislumbrei um horizonte de aprendizagem mais amplo, o que me deixava empolgada com a experiência.

O trabalho se propôs a mapear e diagnosticar no contexto local do Butantã em São Paulo, as dinâmicas entre os grupos, as parcerias, as intervenções, ligados direta ou indiretamente à Segurança Alimentar e Nutricional (SAN), com o propósito de auxiliar na análise das ações, contribuir com a elaboração do Plano Local de SAN e auxiliar na análise da participação social dos envolvidos e da intersetorialidade, existente ou não, no desenvolvimento das ações identificadas.

Na primeira fase do trabalho realizei um levantamento de informações sobre equipamentos públicos, organizações não governamentais e associações localizadas ou atuantes na região do Butantã, ligadas direta ou indiretamente à SAN, por meio de consulta a fontes na internet, como: sites da prefeitura, subprefeitura, outros sites governamentais e não governamentais. Em seguida, fiz contato via e-mail e telefone com representantes das instituições listadas no levantamento, apresentando o projeto e convidando-os a colaborar com a pesquisa. Essas instituições eram equipamentos públicos, associações e instituições da sociedade civil, nas áreas de assistência social, educação, trabalho e empreendedorismo, meio ambiente e saúde.

Na segunda fase foi realizado um levantamento com intuito de identificar e mapear as ações de SAN e um diagnóstico das ações para saber se eram desenvolvidas com foco na participação social, na intersetorialidade, bem como a relevância e abrangência das mesmas, identificando a periodicidade e número de pessoas envolvidas.

Participei tanto da elaboração e envio do formulário online para levantamento e diagnóstico das ações quanto da análise posterior dos resultados que aconteceram com a colaboração da REDE SANS-BT. Participei ativamente das reuniões da Rede e da Gestão Compartilhada do Centro de Referência em Segurança Alimentar e Nutricional do Butantã (CRESAN-BT), que eram realizadas no CRESAN-BT e às vezes na Subprefeitura do Butantã.

Durante o desenvolvimento do trabalho foi preciso elaborar dois relatórios: parcial e final. Também como fruto desse projeto apresentei um pôster do trabalho “Diagnóstico da rede local de segurança alimentar e nutricional da região do Butantã – São Paulo/SP: participação e intersetorialidade” no II Encontro Nacional de Pesquisa em SAN, que aconteceu na FIOCRUZ/UNB em Brasília (DF), em outubro de 2016 - o primeiro evento científico que participei. E também no I Seminário de Pesquisa da Faculdade de Saúde Pública e Escola de Enfermagem USP em novembro de 2016.

Oportunidades-chaves da vivência:

- Convívio com a aluna de pós-graduação com outra área de formação
- Envolvimento em uma pesquisa de doutorado
- Atividades de buscas bibliográficas e de informações em sites do setor público
- Desenvolvimento de competências para comunicação
- Prática de leitura e redação de textos
- Aproximação da temática de SAN, intersetorialidade e participação social
- Presença em equipamentos públicos e espaços de relevância para a temática da SAN
- Participação em reuniões de Rede e gestão
- Participação em Eventos Científicos
- Viagem a Brasília
- Bolsa PUB

### Modelo Lógico do Processo de Elaboração do Plano Municipal de Segurança Alimentar e Nutricional de São Paulo/SP

O projeto anterior inscrito no PUB chegou ao fim, mas o trabalho para o mesmo doutorado seguia com demandas que culminaram em um segundo projeto inscrito no PUB Edital 2016-2017. Eu já tinha familiaridade com o projeto e as pessoas envolvidas nele, então prontamente me inscrevi para continuar esse trabalho.

O objetivo dessa vez foi compor um modelo lógico do processo de elaboração do Plano Municipal de SAN de São Paulo/SP (PLAMsan) abrangendo as iniciativas de representantes da sociedade civil e do poder público, tais como movimentos populares, redes locais entre outros para auxiliar na análise da participação social de tal experiência.

Eu não conhecia o que era modelo lógico (ML) e o desafio do meu projeto era justamente colaborar com a elaboração de um, o que poderia ter sido motivo para ficar de fora do trabalho se tornou a minha motivação - entender o que era o modelo lógico e poder contribuir na construção de um no contexto do trabalho em curso. A construção desse ML também era

novidade para a aluna de pós e toda discussão e construção da metodologia do trabalho foi compartilhada entre nós duas e a Prof<sup>a</sup> orientadora.

Durante esse projeto realizei a elaboração e envio de questionário para entrevista de informantes-chave para a pesquisa; análise e sistematização de informações levantadas em documentos e entrevistas; exercício de elaboração do diagrama do modelo lógico; planejamento, agendamento e realização da oficina de validação do material e assisti ao evento de lançamento do PLAMsan. Além de realizar pesquisas bibliográficas e leituras relacionadas ao tema constantemente.

Em decorrência desse projeto, o Modelo Lógico (ML) elaborado foi apresentado ao Conselho Municipal de Segurança Alimentar e Nutricional; fiz a apresentação oral do trabalho “Modelo lógico do processo de elaboração do 1º Plano Municipal de Segurança Alimentar e Nutricional de São Paulo, SP, Brasil” no III Encontro Nacional de Pesquisa em Soberania e Segurança Alimentar e Nutricional que aconteceu na Universidade Federal do Paraná em Curitiba, em novembro de 2017 e colaborei na redação do artigo “1º Plano Municipal de Segurança Alimentar e Nutricional de São Paulo/SP (PLAMsan): Participação e Protagonismo do Conselho Municipal (COMUSAN)”, publicado na Revista Segurança Alimentar e Nutricional.

#### Oportunidades-chaves da vivência:

- Continuidade do convívio com a aluna de pós-graduação
- Exercício de busca para compreensão e construção lógica e gráfica do ML
- Aprofundamento na compreensão sobre políticas públicas promotoras de saúde, SAN, intersetorialidade e participação social
- Organização e realização da oficina de validação
- Participação em evento de lançamento do Plano e reunião do COMUSAN
- Colaboração na redação de artigo científico
- Participação em evento científico
- Viagem a Curitiba
- Bolsa PUB

Nas etapas finais do projeto surgiu a oportunidade de estagiar em uma escola de educação infantil, passei a trabalhar nessa escola e lá permaneci durante dois anos. Nesse tempo me distanciei das atividades de pesquisa diretamente, mas mantive meu vínculo e contato com o grupo.

Quando aconteceu o III ENPSSAN fui apresentar o trabalho fruto do projeto sobre o ML, mas não estava envolvida em um novo trabalho de pesquisa. Esse evento possibilitou que eu me aproximasse de uma integrante do grupo que começava sua pesquisa de doutorado estudando sobre as interfaces escola e família na construção do ambiente alimentar saudável como estratégia de promoção da saúde, assunto que se tornou interessante para mim devido a prática no estágio em alimentação escolar. Essa aproximação foi um ponto chave para a sequência do meu envolvimento com as atividades de pesquisa e início do projeto que se seguiu.

#### Relações entre as Escolhas Alimentares de Estudantes, os Diálogos Familiares e as Ações de Promoção da Alimentação Adequada e Saudável no Ambiente Escolar.

Quando eu soube da oportunidade para participar do projeto que envovia alimentação escolar e promoção da saúde fiquei entusiasmada para voltar a participar de forma mais ativa no grupo. A relação direta com uma nutricionista pesquisadora seria novidade e percebi muitas possibilidades para aprendizado nessa nova vivência que agora aconteceria em um momento mais avançado da minha formação.

Escrevemos um projeto vinculado à pesquisa de Doutorado para submissão no PIBIC edital 2018-2019 que foi aprovado, mas a princípio não contemplado com bolsa, então comecei minha participação como voluntária e fui contemplada com a bolsa no meio de seu desenvolvimento.

Por meio do PUB, outra aluna de graduação se envolveu na mesma pesquisa, o que possibilitou nessa vivência o trabalho em conjunto com uma parceira da graduação, além da aluna de pós-graduação.

A pergunta que se fez no projeto foi se o diálogo familiar tem influência nas escolhas alimentares realizadas no ambiente escolar e se as ações de promoção da alimentação adequada e saudável desenvolvidas nesse ambiente se inseriram no diálogo familiar.

O estudo aconteceu em duas escolas da rede pública municipal de São Paulo, localizadas em regiões distintas, nas quais realizamos diversas visitas. Realizamos entrevistas com grupos de estudantes e grupos de pais e/ou responsáveis com intenção de apreender informações sobre os diálogos familiares a respeito da alimentação e sobre como acontecem as escolhas alimentares dos estudantes no ambiente escolar. Também foram realizadas de forma compartilhada a transcrição das entrevistas e a categorização das falas dos responsáveis e estudantes, utilizando o software NVivo como auxílio na análise de conteúdo.

Ao final do projeto elaborei o relatório final de atividades e apresentei o trabalho no 27º Simpósio Internacional de Iniciação Científica e Tecnológica da USP - SIICUSP.

Os resultados encontrados também culminaram na elaboração de dois trabalhos que foram apresentados em eventos científicos: o trabalho intitulado ‘Desafios e Obstáculos na Construção de Ambiente Alimentar Saudável em Escola Municipal’ apresentado no II Seminário Latino-americano sobre Ambiente Alimentar e Saúde que aconteceu em julho de 2019 na UFRJ no Rio de Janeiro e o trabalho ‘Participação social na alimentação escolar: desafios e potencialidades pensadas a partir da experiência em uma escola da rede municipal de São Paulo’, apresentado no IV ENPSSAN que aconteceu em setembro de 2019 na Universidade Federal de Goiás em Goiânia. As ideias de recortes do trabalho para elaboração dos resumos submetidos aos eventos foram pensadas e desenvolvidas em conjunto entre nós, duas alunas de graduação, uma aluna de pós-graduação e a orientadora.

#### Oportunidades-chaves da vivência:

- Convívio com a aluna de pós-graduação nutricionista
- Trabalho conjunto com outra aluna de graduação no mesmo projeto
- Ida a campo nas escolas públicas
- Participação nas entrevistas em grupo com crianças e adultos
- Utilização de software para análise qualitativa
- Aproximação da temática de ambientes alimentares
- Aproximação de políticas públicas na alimentação escolar

- Ampliação do cenário que conhecia para participação social
- Participação em eventos científicos
- Viagem ao Rio de Janeiro
- Bolsa PIBIC

A aproximação com a temática da alimentação escolar e políticas públicas nesse trabalho me conduziu à oportunidade de estagiar na Coordenadoria de Alimentação Escolar do município de São Paulo, na divisão de Educação Alimentar e Nutricional.

Antes do início desse estágio e em paralelo à sua realização, outra vivência que é de fundamental importância para esta experiência e sua estruturação é a participação em atividades de ensino - oportunidade que chegou a mim também por meio da participação no PSSAN.

### **Monitoria na Disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso**

Após o estímulo da Prof.<sup>a</sup> coordenadora, eu me inscrevi no PEEG no segundo semestre de 2019 para participar do projeto ‘Manual para a escrita de projetos de relato de práticas educativas’ junto a disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso II.

Durante essa monitoria, além de auxiliar em atividades práticas para o desenvolvimento da disciplina, participar das aulas e plantões de dúvidas, eu também desenvolvia um pequeno projeto de pesquisa com uma das professoras responsáveis que tinha por objetivo elaborar um material que sistematizasse uma metodologia para realização de projetos de relato de experiências em atividades educativas de alimentação e nutrição.

Nessa pesquisa eu me aproximei do conceito de Relato de Experiência (RE), algo que até então não me era familiar. Buscamos compreender o RE na perspectiva de uma criação de narrativa científica através da leitura de artigos científicos que explicam o fenômeno da experiência e que abordam uma descrição do RE como metodologia para produção de saber, bem como suporte teórico para elaboração de projetos de pesquisa. Também foi realizada busca em bases de dados a fim de observar como são organizados RE e, assim, aproximar-se do conhecimento

sobre quais e como são relatadas experiências educativas no campo da nutrição no Brasil, os artigos selecionados foram analisados buscando semelhanças e diferenças, estruturais e metodológicas entre os textos e sob um olhar crítico a partir dos conceitos de RE que estudamos.

No semestre seguinte, eu me inscrevi no Programa Aluno Monitor para acompanhar a disciplina de TCC I e continuei realizando atividades relacionadas ao ensino juntamente com as professoras responsáveis, dessa vez também como aluna matriculada na disciplina. Durante o desenvolvimento da disciplina eu pude elaborar junto com as professoras e apresentar uma aula sobre elaboração de projetos para RE. A partir dessa vivência o elo entre pesquisa e ensino se tornou prático aos meus olhos.

Neste tópico encerro a descrição do contorno determinado para este relato de participação no PSSAN, ainda que a experiência a que me refiro até aqui transponha o contorno que defini.

Além de outras vivências e das minúcias não caberem descritas neste trabalho, a própria experiência em mim é contínua, me acompanhando, transformando e provocando diferentes reflexões constantemente. Dito isto, a seguir proponho outro contorno buscando delimitar uma análise da experiência que possibilite a reflexão sobre a participação do estudante de graduação em nutrição em grupos de pesquisa como uma oportunidade para construção de saberes na formação do nutricionista.

## **ANÁLISE E LIÇÕES APRENDIDAS**

### **O LUGAR DO ALUNO DE GRADUAÇÃO DENTRO DOS GRUPOS DE PESQUISA**

Há uma diferenciação entre os sentidos do papel da Universidade de gerar saber, um sentido que se refere à produção de conhecimentos e inovação nos saberes da humanidade, e outro a gerar conhecimentos no estudante contribuindo para sua (re)construção de saberes. Werneck afirma que são compreensões diferentes que não se excluem, mas não se confundem. A universidade moderna, ao ensinar a pensar, criticar, analisar e a sintetizar, estaria cumprindo a sua missão de promover o aprimoramento humano, a transformação social e a de preparar o sujeito para a produção do conhecimento. Divulgar saberes existentes com a reflexão crítica é dito como o melhor modo de propiciar a produção do conhecimento vista como uma inovação na bagagem do saber da humanidade<sup>5</sup>.

Percebi que, a depender da perspectiva que se adota por parte dos grupos de pesquisa sobre a produção do saber na Universidade, o aluno de graduação pode ocupar diferentes lugares nesses espaços. No relato, ao descrever o caminho para experiência, a participação do aluno ainda no primeiro ano da graduação em projetos de pesquisa é posta em questão. A conduta de professoras da instituição privada que, ao serem procuradas por uma aluna de graduação do primeiro ano interessada nas possibilidades de participação na pesquisa, mencionaram ser cedo demais para esse envolvimento ou que deixaram a elaboração individual de um projeto pela aluna como condicionante de orientação, e ainda, o discurso e sentimento dentre os próprios estudantes de que estar no primeiro ano se configura como desvantagem na seleção para participação nos projetos de pesquisa, me despertaram a reflexão sobre o lugar que é dado ao aluno de graduação na pesquisa dentro desse contexto em contraste com o lugar ocupado na minha experiência de participação no PSSAN.

Os relatos de duas entrevistadas complementam o primeiro contexto a que me refiro:

Relato 1 - aluna de graduação em nutrição sobre o início da sua experiência em projetos de pesquisa e extensão.

*E7: Lembro que eu não tinha muita fé que alguém ia me selecionar para bolsa no primeiro ano da faculdade, porque todo mundo falava que era muito difícil.*

Relato 2 - aluna egressa do curso de nutrição da FSP sobre sua primeira experiência na pesquisa.

*E4: Nas primeiras férias da graduação eu comecei a fazer IC no departamento de epidemiologia, começa aí minha vida acadêmica (...) era um papel bastante mecânico, que foi de grande aprendizado para mim também, não nego, acho que aprendi bastante, mas era isso: digitar questionário, tabular, fazer entrevista, fazia essas coisas assim, mas eu não participava de reuniões do grupo de pesquisa, era um grupo de pesquisa enorme, com gente muito POP, projeto internacional, então, os pesquisadores eram gente muito importante (...) Quem era eu na fila do pão? (risos). Então, tinha essa sensação de ser um pouco pequeno ali mesmo.*

Se a pesquisa for vista como um espaço de atuação para os detentores do conhecimento, faria sentido que o aluno com mais tempo de formação seja o mais qualificado a participar dos projetos, porque espera-se que ele chegue com mais conhecimentos acumulados. Ainda assim, tendo em vista que na ordem hierárquica de participantes dos grupos de pesquisa<sup>10</sup> o aluno de graduação é quem tem o menor nível de formação, parece restar a esse sujeito um lugar de mero espectador na pesquisa, e suas contribuições no processo de produção científica parecem não serem passíveis de ultrapassar os resultados de uma participação passiva.

Ainda, se menor tempo adquirindo conhecimentos declarativos e procedimentais<sup>10</sup> tornasse o aluno menos qualificado para as seleções, a pesquisa escaparia de seu objetivo de preparar o sujeito para a produção do conhecimento e de ser um instrumento fundamental do processo pedagógico como proposto no Projeto Político Pedagógico do curso de graduação em nutrição da FSP<sup>2</sup>.

Nessa questão, a Profª líder do PSSAN explica sua perspectiva:

*E1: Eu acho que tem uma coisa na trajetória, que é a trajetória de amadurecimento da gente na vida e profissionalmente que é: na medida em que a gente vai se deparando com as coisas, que às vezes até a gente não entende, mas aquilo vai ficando ali e vai começando a fazer sentido e estabelecendo relações e conexões. Então, por exemplo, eu fico pensando, muitos dos alunos que se envolveram com o grupo, que se aproximaram, eram alunos de 1º e 2º ano*

*então, nossa, tem temas que vão aparecer lá na frente, mas que iam aparecendo e daí vão colocando questões, reflexões e etc.*

Também vale considerar que a conduta de conferir ao iniciante apenas atividades mecânicas que apesar de fundamentais para o desenvolvimento da pesquisa não possibilitam o acesso às demais etapas da pesquisa, parece não se alinhar a um ensino crítico, reflexivo e criativo, como requerido nas Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino de Graduação em Nutrição<sup>8</sup>.

Em uma perspectiva Freiriana, espera-se do Professor o estímulo à capacidade criadora do educando e o compromisso com sua consciência crítica. É preciso que desde o início do processo de formação, vá ficando cada vez mais claro que, embora diferentes entre si, quem forma se forma e re-forma ao formar e quem é formado forma-se e forma ao ser formado<sup>6</sup>. Através dessa perspectiva, assumindo a pesquisa como instrumento da formação, o aluno de graduação não seria visto em um lugar de passividade, ainda que seja o sujeito que é formado no processo.

Ao discutir a formação superior em saúde e demandas educacionais atuais tomando como exemplo a graduação em Nutrição, Vieira, Leite e Cervato-Mancuso, assumem a posição de que no ensino superior deve-se envolver os estudantes na construção da formação. Na discussão proposta é dito como fundamental que a metodologia utilizada no ensino superior se paute por uma educação libertadora e pela formação de um profissional ativo, buscando a autonomia, pressupondo um discente capaz de autogerenciar o seu processo de formação<sup>22</sup>.

No relato da experiência observamos uma conversão da perspectiva anterior sobre a pesquisa, como espaço pertencente aos detentores do conhecimento, desvinculada do ensino, que confere ao aluno de graduação um lugar de passividade, para a perspectiva da pesquisa integrada ao processo de formação, que dá ao aluno um lugar de participação ativa, protagonista do seu processo de construção de saberes.

Vale destacar que na experiência, além do encantamento pela temática da Promoção da Saúde, é justamente a interação entre educadora e educandas na disciplina que re-convida o interesse, anteriormente desmotivado, em participar de projetos de pesquisa.

Esse processo de conversão sobre o lugar do aluno de graduação na pesquisa também é demonstrado no relato de outras duas alunas:

Relato 3 - aluna de graduação em nutrição sobre sua participação no PSSAN.

*E7: No começo pode ser assustador, porque no começo você fica meio “poxa, essas pessoas estudaram tanto, se eu falar alguma coisa errada, vão me cancelar”, eu tinha um pouco isso. Mas depois eu vejo que não era isso, que o afeto e consideração de que eu também fui do primeiro ano manda mais, apesar de a gente ficar inseguro (...) elas eram muito acolhedoras.*

Relato 4 - aluna egressa do curso de nutrição da FSP sobre sua participação no PSSAN enquanto graduanda.

*E6: A gente pensa que é um professor, como é que você vai ficar ali sempre na mesma sala trabalhando com ele? E quando você vê já está falando em assuntos aleatórios. Eu acho que as professoras ficavam ali, as duas juntas, sempre muito abertas, abertas para a gente chegar e perguntar e falar, até mesmo se queixar, elas sempre deram esse tipo de abertura. Eu acho que é uma característica própria das duas, ainda mais da líder do grupo, por ser pedagoga e trabalhar essas questões das pessoas construírem seu próprio conhecimento.*

O apontamento feito no relato 4 sobre a “construção do próprio conhecimento”, pode se remeter ao construtivismo como teoria que propõe uma modalidade de aquisição do conhecimento em que o sujeito de modo ativo, compreenda cada fase do processo, perceba os nexos causais existentes entre eles e incorpore como seu aquele conteúdo<sup>5</sup>. Assume-se então a maneira de conhecer que não é a da passividade, a da aceitação tácita, mas a do sujeito ativo que comprehende os conteúdos, que refaz os passos do processo, que busca entender os significados e os sentidos assim como que reconstruir por si próprio o conhecimento<sup>5</sup>.

Paulo Freire<sup>6</sup> ao discorrer sobre a importância da reflexão sobre a prática educativo-crítica, faz uma descrição que achei conveniente também para uso no contexto deste trabalho:

*O ato de cozinhar, por exemplo, supõe alguns saberes concernentes ao uso do fogão, como acendê-lo, como equilibrar para mais, para menos, a chama, como lidar com certos riscos, mesmo remotos, de incêndio, como harmonizar temperos numa síntese gostosa e atraente. A prática de cozinhar vai preparando o novato, ratificando alguns daqueles saberes, retificando outros, e vai possibilitando que ele vire cozinheiro. (...) A reflexão crítica sobre a prática se torna uma exigência da relação Teoria/Prática (...) (Freire, 1997).*

Se pensarmos que a prática de pesquisar também vai possibilitando que o iniciante se torne o sujeito crítico e reflexivo, ratificando alguns saberes e retificando outros, preparando-o para a pesquisa, a construção dos saberes ligados à pesquisa requer que o estudante seja ativo em todos os processos que a envolvem.

Relato 5 - Aluna egressa do curso de nutrição da FSP sobre sua experiência de participação no PSSAN.

*E6: A gente acaba criando responsabilidade e também essa coisa de ser crítica. Essas discussões sobre assuntos diversos com a Professora, a gente aprende a formar opinião e ir atrás de conhecimento. Para mim foi muito importante isso.*

No relato 5 a entrevistada endossa em sua própria experiência a importância do envolvimento em diferentes momentos no grupo de pesquisa para a formação do aluno de graduação.

Ao complementar o relato 2 falando sobre sua primeira experiência na pesquisa, a entrevistada diz:

*E4: Eu fiz IC no primeiro ano da faculdade, mas era outra dinâmica. Acho que eu nem pensava que eu podia pensar em um grupo, sabe assim? Ninguém contou que eu podia contribuir de verdade, que eu não era só para ficar digitando questionário. (...) Enfim, foi super interessante, você acaba vendo uma parte importante do que é um projeto de pesquisa, mas acho que na medida que você consegue participar de reuniões, propor questões, ser ouvida, acho que é uma outra vivência, de forma muito mais... acho que é uma outra formação para o aluno.*

O relato de experiência em análise trata dessa ‘outra formação’ que é mencionada. Uma formação que coloca o aluno de graduação em lugar de sujeito que se forma e também forma ao ser formado<sup>6</sup>. Sujeito que, dessa maneira, expande suas contribuições para a produção de conhecimento e que mais facilmente se engaja na pesquisa que, em primeiro lugar, contribui para o seu próprio processo de construção de saberes.

Maria Isabel da Cunha diz que exercitar uma atitude científica requer o reconhecimento de que todos as pessoas trazem em si condições e capacidades de transformação do mundo e que o conhecimento, como uma produção social, insere-se numa dimensão política e requer uma condição de diálogo. Reitera ainda que, em nível de graduação, a pesquisa deve ser um princípio

educativo onde se procura fazer mais perguntas do que fornecer respostas e se exige que a pesquisa deixe de ser para poucos e passe a ser uma prática acessível e cotidiana<sup>23</sup>. Na síntese de Silva e Souza sobre as ideias de Carlos Rodrigues Brandão sobre educação, pesquisa participante e saúde a educação é descrita como sendo possível somente por meio da troca e da partilha de saberes, de modo a gerar um novo saber por intermédio de reconhecimento do outro como igual<sup>24</sup>.

Apresento a seguir falas provenientes das entrevistas com membros do PSSAN que representam o olhar para pesquisa integrada ao ensino reconhecendo o graduando em seu lugar de quem também forma ao ser formado:

*E1: Sobre os alunos de nutrição nesses projetos (...) ele traz um olhar que às vezes a gente como professor de uma área, de um departamento, de um tema, não vê o curso como um todo, então eu sempre tenho muita curiosidade para saber como o aluno está entendendo, como ele olha o curso, como ele enxerga a Faculdade, como ele entende a Universidade, porque a gente sempre tem olhares assim. Me ajuda a entender melhor o curso, a entender um pouco melhor como aquelas coisas vão se encaixando ou não no curso. (...) esse aluno me ajuda a pensar coisas que são importantes para o curso que eu não consideraria, talvez porque eu não sou nutricionista. (...) Para o grupo, eu acho que ele contribui muito porque ele faz a gente como grupo falar assim “então, vocês estão partindo disso, mas isso não está claro para gente”, “vocês precisam explicitar isso melhor” ou então até de dizer assim “bom, mas isso é a partir desse olhar, têm outros olhares”, então acho que é legal.*

*E4: O aluno, tem uma experiência diversa, está explorando muita coisa dentro da graduação, tem o interesse também, tem ideias, tem questões e acho que a pesquisa é você colocar questões, tem pesquisador que inclusive esquece que é isso, (...) esquece que esse é o processo da pesquisa básico: você colocar questões para o mundo, colocar uma questão de pesquisa. Então, o aluno tem também essa capacidade de colocar questões que inclusive pode despertar outras coisas no pesquisador, de falar “nunca tinha pensado sobre isso”, é uma humildade do processo pedagógico. (...) Eu fico pensando nisso, inclusive, enquanto mulheres pesquisadoras também, que sim a gente está aí nesse mundo pensante que tradicionalmente é vinculado aos homens e ainda é masculino em algumas áreas então, acho que essa possibilidade é muito importante para o processo formativo de mulheres.*

*E2: No doutorado foi muito legal, porque as técnicas metodológicas e etc, se eu não tivesse vocês juntas ali (alunas de graduação), eu ia sofrer muito. Eu só consegui trazer tudo aquilo, fazer a sistematização dos dados como aconteceu, graças a vocês. (...) Tem um monte de atividades que se ele (pesquisador) fizesse sozinho seria solitário, não teria a rica impressão que tem quando ele faz com os alunos. (...) Eu acho que são várias contribuições, por exemplo, ele pode ter um papel de multiplicador no sentido de “gente, vamos participar de projetos de IC, que é super legal” e conquistar outros alunos para participar, isso é uma coisa. Ele já transita nos dois universos.*

Neste primeiro ponto de análise proponho a reflexão sobre como as diferentes perspectivas a respeito da produção do saber na Universidade e o lugar do estudante em seu próprio processo de aprendizagem, como espectador ou protagonista, refletem o lugar que ele ocupa dentro dos grupos de pesquisa e, por fim como esse lugar ocupado também exerce influência em seu processo de construção de saberes.

Ao falar sobre o processo de construção do conhecimento sob o olhar da teoria construtivista, Werneck<sup>5</sup> diz que o ponto de maior importância é o desenvolvimento do espírito de pesquisa, o despertar do aluno para a observação e a reflexão. E ainda sobre o estabelecimento de referenciais de avaliação do conhecimento construído nesse contexto diz:

*A avaliação do conhecimento construído deve considerar a criatividade e a autonomia do sujeito, não se limitando a verificar o êxito de condicionamentos. O objeto da avaliação passa a ser não exatamente o conteúdo do saber, mas o modo segundo o qual ele foi aprendido, ou seja, a organização do pensamento do aprendiz. (Werneck, 2006)*

Partindo dessas considerações, proponho o tópico de análise a seguir.

## POTENCIALIDADES NA PARTICIPAÇÃO ATIVA EM GRUPO DE PESQUISA PARA FORMAÇÃO DO NUTRICIONISTA

No RE as atividades desenvolvidas nos projetos, as características do grupo e seu ambiente confluíram em meu processo de construção de saberes, o qual tento representar na discussão que se segue.

A formação na graduação representa uma das etapas que contribui para a qualificação da atividade profissional, onde o estudante tem contato com diversas experiências, obtém conhecimentos e constrói competências<sup>22</sup>. Inicia-se a reflexão acerca do processo de construção de saberes na formação do nutricionista a partir de uma pergunta balizadora: “formação para quê”? <sup>23</sup>. Tanto a importância desta pergunta, quanto sua resposta, representam uma das lições aprendidas na experiência pois, conforme é descrito no relato, desde o início da proximidade com a temática da Promoção da Saúde a própria perspectiva a respeito da formação e da Profissão foi se transformando, bem como o convívio com o grupo em seu ambiente foi remodelando uma visão de mundo.

A resposta que assumi para a perguntaposta se situa ancorada nas finalidades do ensino superior<sup>3</sup> a partir da forma como aparecem nas Diretrizes Curriculares do Curso de Graduação em Nutrição<sup>8</sup> e nos Princípios do Código de Ética e Conduta do Nutricionista<sup>9</sup>, conforme apresentados na introdução.

Importa prosseguir a discussão considerando que a nutrição, assim como as demais áreas relacionadas à saúde, dispõe de um conteúdo vasto, complexo e em constante mudança, dessa forma, obviamente, não se pode exigir que a formação inicial abranja todo o conhecimento necessário à atuação profissional. Todavia, é reconhecida a necessidade do subsídio de conhecimentos básicos que contribuam para uma formação humanística e social que leve os profissionais a pensarem certo e buscarem soluções e a desenvolverem competências, tendo em vista uma análise crítica e integral das pessoas e da sociedade, a par do conhecimento científico<sup>22</sup>.

De forma complementar, tendo em vista a esfera coletiva e a abrangência da área, para a produção do conhecimento em saúde é exigido um olhar sob a luz da complexidade, da interdisciplinaridade e da intersetorialidade<sup>25</sup>.

Com o reconhecimento desse panorama sobre o “para quê” da formação do nutricionista, são relacionadas a seguir diferentes potencialidades, percebidas a partir da experiência e apoiadas na literatura, da participação do aluno de graduação em grupos de pesquisa equiparados ao RE.

A pesquisa de Odelius et. al indica uma diversidade quanto ao modo de funcionamento de grupos de pesquisa, tanto no que diz respeito à periodicidade de encontros, como também ao modo de interação, e que os grupos de pesquisa que interagem e promovem reuniões com maior frequência, como o grupo campo do RE, estão mais aptos a compartilhar conhecimentos e experiências aprendidos, tendo em vista que o conhecimento tácito exige interações mais intensas<sup>10</sup>. A percepção de uma das alunas de graduação entrevistada, que participou do PSSAN e também de outro grupo com uma dinâmica diferente, vai ao encontro dessa discussão:

*E7: E eu achei, em consideração minha, como a gente não tinha que cumprir horas presenciais lá na faculdade, então, consequentemente, não teve a aproximação tão forte assim quanto eu senti com o pessoal do grupo de pesquisa.*

A atuação de líderes, as relações estabelecidas entre os membros de uma equipe e os aspectos culturais também foram apontados como influenciadores na aquisição e uso de conhecimentos<sup>10</sup>. Essas noções encontraram familiaridade nas falas de todos os entrevistados e a seguir apresento trechos que representam o contexto do PSSAN:

*E5: Acho que a questão de todo mundo ficar junto ali na salinha é uma coisa que também é muito importante para união e as relações interpessoais, até a conversa sobre os trabalhos que também enriquece muito. Você discutir seus dados, seu trabalho com as outras pessoas, isso agrupa muito e isso é uma coisa que eu vejo que se faz muito lá, a gente sempre fez. Acho legal também isso que a líder do grupo promove, a pessoa vai qualificar então apresenta primeiro para o grupo, daí o grupo vai dar suas considerações, melhorar sua apresentação, ensaiar, enfim, essas coisas que ela faz dentro do grupo é muito rico isso, muito rico para contribuir mesmo.*

*E4: Ali, por exemplo, o espaço da salinha como um espaço de trocas científicas, pessoais, como uma materialização do grupo, ela poderia não ser aquilo, poderia ser um espaço que cada um estaria no seu computador, isso acontece em outros lugares, mas ele pode ser um*

*espaço muito mais potente nisso que a gente está falando, de uma produção científica radical, humana e ética em um sentido amplo.*

E4: *Sentido de coletivo, de horizontalidade e de abertura, são características que fazem as pessoas voltarem ali com ideias, com propostas, então acho que isso mantém algo muito vivo do grupo.*

André indica em seu trabalho que para um grupo se tornar uma instância formadora é necessário se atentar para a sua forma de gestão e este não deve se constituir em uma norma burocrática ou em mera formalidade. Dessa forma, a pesquisa pode assumir uma dimensão formadora, voltada a processos educativos emancipatórios<sup>26</sup>.

A líder do grupo no qual se dá a experiência esclarece em suas falas como percebe e exerce sua função:

E1: *Acho que eu tenho um papel importante, como professora, que é dar conta de criar oportunidades para os alunos.*

E1: *Mesmo quando estou organizando uma disciplina de graduação, eu tento fazer de um jeito bastante compartilhado, seja com estagiário PAE, seja como monitor e etc.*

E1: *Tem uma coisa, que para mim é fundamental como princípio, que é o respeito. Do respeito ao outro, de tentar fazer com que as pessoas cresçam profissionalmente, nesse caso, em termos de formação profissional. (...) Tem também esse respeito, pelo que é possível a cada um.*

E1: *Eu, hoje, vejo esse grupo como um grupo que faz sentido para minha carreira. (...) para mim, a Faculdade, meu emprego, a minha profissão, hoje faz sentido por conta dessas pessoas, desse grupo. E mais do que isso, claro tem outras colegas de trabalho também, e aí eu vou vendo que tanto um quanto outro, são as relações pessoais que são muito fundamentais. (...) são relações pessoais construídas a partir de um compartilhamento de ideias em torno de um trabalho na área de Segurança Alimentar e Nutricional, de acreditar nisso aqui.*

Figueiredo e Orrillo concordam que há uma reprodução das ideias e das formas de relação interpessoal que se estabelece entre sujeitos durante a formação. Nesse sentido, ressalta-se que

a criação de ambientes de formação que proporcionem ao estudante perceber distintas visões de mundo, conhecer a diversidade do pensamento humano e compreender representações, experiências e culturas, se torna importante para um processo de construção de identidades críticas e comprometidas com a realidade social<sup>27</sup>.

Cunha afirma que o sentido pedagógico da pesquisa está na capacidade de estimular o pensamento dos sujeitos, de mantê-los em constante estado de aprender a aprender e estimular o saber pensar, para poder intervir no mundo de forma responsável, incentivando a autonomia intelectual e promovendo a cidadania<sup>23</sup>.

No tópico de análise anterior foi abordada a relação entre o lugar ocupado pelo estudante de graduação nos grupos de pesquisa com seu próprio processo de aprendizagem. Agora, proponho a reflexão sobre a influência desse processo na atuação do nutricionista, dando seguimento à discussão a respeito das potencialidades da participação ativa em grupos para a formação.

Ao analisar o RE, percebe-se que enquanto há apropriação do próprio processo de aprendizado, também há reflexão acerca da atuação, por exemplo: transcorre-se a valorização da autonomia na própria construção de saberes e da participação ativa no grupo, concomitante à participação em atividades práticas que valorizam a autonomia dos sujeitos e a participação social em políticas de alimentação e nutrição; há vivência de relações de respeito, acolhimento e escuta entre os envolvidos no processo de construção de saberes, enquanto também se dedica o olhar para a pesquisa sobre práticas educativas de alimentação e nutrição.

Figueiredo e Orrillo apresentam a necessidade de um processo de ensino-aprendizagem que promova a reflexão sobre a educação em saúde, assim como sobre a responsabilidade social de cada sujeito ante a manutenção, a crítica ou a transformação da realidade social, de forma que a educação se configure como um processo capaz de desenvolver os seres humanos, onde relações humanas não são desvinculadas do seu contexto social, de forma a contribuir para o desenvolvimento de atitudes de afeto e solidariedade, e para a construção de autonomia de vida<sup>27</sup>.

A fala de uma das participantes do PSSAN reafirma o contexto da experiência que corrobora as ideias apresentadas:

E4: *Acho que se a gente quer não só produzir uma pesquisa diferente, mas uma outra universidade, um outro mundo, acho que precisa levar em consideração essas coisas na raiz dos processos, (...) eu acho que também o coletivo tem que ser lembrado. A gente vive um*

*momento de perda dessa referência coletiva, da virtualização do mundo cada vez mais, então, eu acho que passa por isso também, construir um mundo radicalmente diferente disso que a gente está vendo, que aí é a formação humana. Acho que o grupo ali é radical nesse sentido.*

O cenário atual da saúde pública tem se direcionado em prol da promoção da saúde, que apresenta entre os seus princípios o fortalecimento da autonomia de sujeitos e de grupos sociais, para isso faz-se necessário uma formação que capacita os profissionais da área para a atuação no âmbito da integralidade e visando a autonomia.<sup>22</sup>.

Paulo Freire, em seu livro Pedagogia da Autonomia, afirma que em uma maneira de compreender e de viver o processo de aprendizagem sendo o formador considerado o sujeito em relação ao formando, considerado como objeto que apenas recebe conhecimentos, esse formando que agora é objeto, terá a possibilidade de se tornar o falso sujeito da formação<sup>6</sup>.

Se considerarmos, então, que o processo de comunicação/educação entre o nutricionista e a população pode estar relacionado com o próprio modelo de educação ao qual esse profissional foi exposto ao longo da graduação<sup>22</sup>, a discussão sobre o lugar do estudante de nutrição dentro dos grupos influí também em seu modo de atuar para a promoção da saúde de indivíduos e coletividades em qualquer área de atuação profissional, com maior atenção para Pesquisa, Ensino e Extensão que se encarrega da formação de novos nutricionistas.

Para a efetiva prática da intersetorialidade, os profissionais precisam ser considerados sujeitos capazes de perceber seus problemas de maneira integrada e de identificar soluções adequadas à realidade social, de forma a promover que a população também assuma um papel ativo, sendo sujeito e não objeto de intervenção<sup>25</sup>

*Compreender a educação como um processo capaz de desenvolver talentos nos sujeitos para que possam construir autonomia de escolhas – e de vida – exige um currículo no qual o processo de ensino proporcione ao educando uma reflexão crítica sobre a sua prática profissional e sua responsabilidade ante a mudança ou manutenção da atual realidade social. Nesse caso, é preciso que o currículo – formal e oculto – estimule uma compreensão profunda da vida humana e da*

*ligação que existe entre o processo de educação, a política e o processo concreto e histórico de viver* (Figueiredo e Orrillo, 2020).

Figueiredo e Orrillo afirmam que as necessidades de mudança na educação em saúde e nas finalidades do trabalho em saúde são constatações generalizadas, mas reconhecem que essas mudanças passam por relações de interesse, embates políticos e disputas de poder. Sustentam que só há pensamento crítico com diálogo, e por isso grupos que acreditam na educação em uma perspectiva crítica, como uma alternativa ao modelo curativo de ensino e que fundamentam suas propostas em conceitos como cidadania e metodologias ativas são importantes dentro da universidade<sup>27</sup>.

A formação crítica do profissional de saúde está intimamente relacionada ao seu potencial para contribuir com o desenvolvimento humano e social das pessoas e comunidades pelas quais é responsável – seja por meio de uma atuação técnica, seja por meio de uma ação política. Todavia, a aprendizagem de todas essas nuances só é possível por meio do diálogo<sup>27</sup>.

Na síntese de Silva e Souza sobre as ideias de Carlos Rodrigues Brandão também é apresentada a ideia de que a construção de saberes é possível pela prática contínua do diálogo e o diálogo está automaticamente posto nos processos de interação dos sujeitos, e por ele, através dele, é possível a (re)construção de conhecimento<sup>24</sup>. É nesse sentido também que a participação ativa do aluno de graduação em grupos de pesquisa representa grande potencialidade para formação do nutricionista.

Para Banduk, Ruiz-Moreno e Batista, a incorporação de técnicas e estratégias que valorizem a interdisciplinaridade, a transversalidade, a dimensão da prática na construção do conhecimento e sua função mediadora na formação da identidade profissional de futuros nutricionistas, configura um eixo direcionador de uma proposta de graduação comprometida com a formação de profissionais mais conscientes e identificados com a sua contribuição social<sup>28</sup>.

Ainda, sobre a construção de saberes necessários a uma prática interdisciplinar, a constituição do grupo de pesquisa como apresentado no RE também caracteriza uma das potencialidades para a formação na graduação. A fala de uma graduanda exemplifica:

E6: *Nunca imaginei que um grupo de estudos na área da saúde tivesse pessoas de outras formações. Tinha bióloga, pedagoga, cientistas sociais, então, isso foi algo que me surpreendeu. Depois a gente vai estudando e percebendo que as pessoas se encaixam.*

Além da interação com outros profissionais da área da saúde, os nutricionistas, na sua atuação, têm necessidade de se relacionar com profissionais e saberes de outras áreas e por este motivo, o favorecimento desse contato ainda durante a graduação seria fundamental para a futura atuação dos profissionais <sup>22</sup>.

Em seu trabalho Odelius et al. indicam que a ação colaborativa em grupos de pesquisa, além de possibilitar a aprendizagem de competências coletivas relacionadas à realização cooperativa e coordenada de atividades, e também aprendizagens individuais de competências humanas, leva à melhoria das práticas, a novas oportunidades para a reflexão, à adoção de múltiplas perspectivas na solução de problemas e uma mudança no padrão de realização da pesquisa <sup>10</sup>.

Essas informações encontram um exemplo na prática com o relato de uma das participantes do PSSAN que ingressou no grupo durante a graduação e agora desenvolve sua pesquisa de doutorado:

*E3: Minha trajetória gira em torno do grupo, começou no grupo e ainda continua. E até hoje, agora até com as meninas novas, (...) que foram trazendo as vivências delas também, foram me fazendo refletir. (...) ela como cientista social, socióloga, direto me faz refletir sobre coisas do ambiente alimentar. Então, o grupo como formação para mim, foi essencial e para minha prática profissional também. Agora como professora, as disciplinas que eu escolho, o que eu discuto nas disciplinas, tudo em torno do que eu aprendi sobre isso, sobre política pública, sobre coisas além de montar uma dieta para uma pessoa.*

A visão mais totalizante da realidade de sua área, bem como das demais áreas, possibilita a integração e o diálogo mais enriquecedor entre os pares em benefício de decisões mais pertinentes e mais seguras nas respostas aos problemas de saúde da coletividade. Na medida em que avançam as práticas interdisciplinares na saúde, reconhecendo o potencial de força das diferentes disciplinas ou profissões da saúde, interdependências e domínios específicos, essa re-ligaçāo de saberes não admite a soberania e arrogância de uns sobre outros e sim, atitudes político-sociais na soma de esforços para conquistas maiores. Saberes, sobretudo, co-responsáveis pelos avanços e necessidades da sociedade demandadas pelo trabalho do coletivo de pesquisadores da área da saúde <sup>25</sup>.

Requerer-se-á do profissional um saber que não apenas integra, mas que transcende diferenças e peculiaridades com vistas a formular uma nova prática, um novo saber <sup>25</sup>. Gasque e Tescarolo

dizem que ao nos depararmos com um problema buscamos uma vivência análoga que oriente e facilite o aprender, dessa forma as experiências passadas constroem conhecimentos úteis dos quais se originam as ideias, sendo a experiência como um fio condutor que guia para o aprendizado<sup>18</sup>. Considerando o que foi dito, a atuação esperada do nutricionista, em uma perspectiva da interdisciplinaridade, da intersetorialidade e da complexidade em saúde, exige vivências que sirvam de referência para capacitar esse modo de agir.

Atentando a este aspecto, a dimensão da pluralidade na composição dos grupos de pesquisa ao reunir participantes com formação e experiências variadas, tornar-se um fator de crescimento, se bem aproveitada<sup>26</sup>. Essa pluralidade, mencionada no relato, teve sua importância valorizada e internalizada a partir da experiência.

Figueiredo e Orrillo afirmam que para que uma formação garanta o cuidado integral é preciso compreender o trabalho em equipe, reconhecendo a equipe não só como um conjunto de pessoas relacionadas no processo de cuidado, mas também os integrantes de outros setores de atividade em que se organizam os direitos sociais como a assistência social, educação, cultura e etc. Para eles “a ‘multi/inter/trans-disciplinaridade’ só é possível na práxis por meio de um processo de construção coletiva que estimule a integração e a colaboração”<sup>27</sup>.

De acordo com sistemas de classificação de resultados de aprendizagem, há habilidades intelectuais básicas que são pré-requisitos para novas aprendizagens e existem as habilidades intelectuais mais complexas relacionadas à solução de problemas (análise, síntese ou criação e avaliação) e a estratégias cognitivas (automonitoramento, autoavaliação). Essas habilidades complexas e estratégias cognitivas aparecem entre as atribuições do nutricionista em todas as áreas de atuação<sup>1</sup> e são mais difíceis de se adquirir por requererem estratégias de aplicação prática, discussão e reflexão em grupo e exposição das pessoas a situações variadas que proporcionem uma generalização das aprendizagens<sup>10</sup>.

O exposto até aqui compactua com a ideia de que a participação de estudantes de graduação em grupos de pesquisa representa uma importante ferramenta na construção de saberes que não são comumente adquiridas em atividades tradicionais de ensino<sup>10</sup>.

Provoca-se, agora, o pensamento de que as informações técnicas foram supervalorizadas na educação<sup>27</sup>, assim como Severino alega que a tradição cultural brasileira privilegia a Universidade como espaço de transmissão de produtos do conhecimento<sup>4</sup>, estimulando dessa maneira a formação de uma reserva de profissionais treinados para o trabalho, mas com pouca

consciência crítica da realidade do país e da sua inserção no modelo produtivo. Os modos de produção capitalista, de organização do processo de trabalho, influenciam os currículos que passam a priorizar a especialidade das disciplinas biomédicas em detrimento da formação social e humana dos profissionais<sup>27</sup>. Também na nutrição a fragmentação de conteúdos parece ser uma constante, o que dificulta que os estudantes estabeleçam uma construção dos saberes de modo integrado, facilitadora de uma efetiva promoção da alimentação saudável das populações<sup>22</sup>.

Ainda vale destacar que a vivência interdisciplinar e interpessoal não é reforçada nos cursos de graduação se as atividades que as valorizam, tendo como exemplo a participação ativa em grupos de pesquisa multiprofissionais, forem poucas<sup>27</sup>.

Os problemas atuais não podem ser entendidos isoladamente, então, um modelo que pense nas relações, conexões e interconexões dos fenômenos existentes deve substituir o caráter fragmentário do conhecimento produzido pela ciência tradicional, sendo necessários avanços para uma lógica de práticas interdisciplinares<sup>25</sup>. Assim, quando o trabalho é desenvolvido com a compreensão da natureza histórica e política dos processos, certamente se está mais preparado para enfrentar os atuais desafios da profissão<sup>27</sup>.

Por fim, considero, então, que as contribuições em potencial da participação ativa do aluno de graduação em nutrição em grupos de pesquisa, abordadas nesta análise de RE, conduzem a uma construção de saberes na formação do nutricionista que visa o preparo para os desafios da profissão, tanto em uma perspectiva de conferir competências, quanto de contribuição social, bem como para sua formação humana.

*O desenvolvimento da aptidão para contextualizar e globalizar os saberes torna-se imperativo da educação. O desenvolvimento desta aptidão é uma qualidade fundamental do espírito humano que o ensino parcelado atrofia e que, ao contrário disso, deve sempre ser desenvolvida. (...) Trata-se de reconhecer a unidade dentro do diverso e o diverso dentro da unidade. É preciso reconhecer que a tarefa do setor saúde não está mais dirigida somente para a construção de um sistema de boa qualidade com acesso universal e com integralidade, capaz de atuar na promoção, proteção e recuperação, mas amplia-se na direção de um papel articulador e integrador com outros setores, também determinantes da vida e da saúde (Erdmann, Schlindwein e Sousa, 2006)*

## **CONCLUSÕES / CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Os processos de assimilação e de acomodação de conhecimento são considerados pessoais e intransferíveis, embora não sejam completamente diferentes em cada um<sup>5</sup>.

É importante admitir que o estudante interfere em seu processo de construção do conhecimento com a sua intencionalidade. Para além de admitir como fundamental o papel da ação do sujeito na aquisição do conhecimento, é preciso que se reconheça o processo de aprendizagem como um processo que implica em uma não passividade; da mesma forma é um processo que sofre a interferência do outro. É pelo conhecimento adequado de si mesmo, do mundo e do outro que resulta um tipo de intencionalidade, ainda que esse mesmo conhecimento seja decorrente dela<sup>5</sup>.

A partir disso, pode-se dizer que se a participação do graduando em nutrição em grupos de pesquisa é condicionada à sua intencionalidade, mas também é possível afirmar que o acontecer e o como acontece essa experiência pode vir a afetar a intencionalidade do estudante em seu processo de aprendizagem.

Atualmente, conforme apresentado na introdução, a participação do aluno de graduação em nutrição em grupos de pesquisa corresponde a uma iniciativa individual e própria do aluno, ou seja, da sua intencionalidade no processo educativo, e ainda de mecanismos que possibilitem o acolher dessa intenção. Percebe-se também que, mesmo quando há uma possibilidade de participação, a receptividade dessa intencionalidade pode se dar de diferentes maneiras, potencializando ou não um processo de construção de saberes que promova a autonomia e a formação do perfil almejado do profissional da nutrição.

Pelas Diretrizes e Bases da Educação Nacional, deve ser assegurada às universidades as atribuições de estabelecer planos, programas e projetos de pesquisa científica e atividades de extensão<sup>3</sup>. No decorrer deste trabalho foram apresentadas algumas dessas realizações que fizeram parte da experiência e estão ao dispor dos estudantes de graduação em nutrição da FSP/USP.

Com este trabalho, foi possível identificar e reafirmar, através da minha experiência e do dialogar dela com outras experiências e informações, a importância desses planos, programas e projetos de pesquisa científica no processo de formação do nutricionista. Também foi possível

reconhecer o desenvolvimento da pesquisa enquanto ferramenta pedagógica como fundamental no processo de reconstrução e construção de saberes, e que a participação em grupos pode representar uma oportunidade de prática integrada, transversal e contínua da pesquisa para formação.

Sabe-se que a qualidade dos resultados do ensino nas instituições reflete a preparação política, científica e pedagógica dos seus docentes, capazes de corresponderem às necessidades atuais dos estudantes, estando ligada, dessa forma, à formação de futuros docentes, que terão responsabilidades sobre o futuro sistema educacional<sup>22</sup>.

Todas as potencialidades da pesquisa enquanto ferramenta pedagógica reconhecidas na experiência dependeram da convergência de uma pluralidade de circunstâncias favoráveis. Dependeram tanto da intencionalidade anterior que me acompanhava no início da graduação, quanto da intencionalidade que foi se transformando ao longo da experiência; das pessoas que fizeram e fazem parte do grupo e seus modos de ser; da perspectiva da líder de grupo que me acolheu em cada uma das minhas intencionalidades, me reconhecendo em um lugar de protagonista do meu processo de construção de saberes ao mesmo tempo que o afetava. Mas, de fato, essas e outras circunstâncias não seriam suficientes para o acontecer da experiência se não houvesse oportunidades disponíveis através dos planos, programas e projetos de pesquisa científica.

A consolidação de grupos de pesquisa é resultado do esforço, do interesse e do empenho de seus integrantes, bem como do apoio material e financeiro recebido para a realização das pesquisas<sup>10</sup>. São necessários incentivos institucionais e condições para se fazer pesquisa<sup>26</sup>. Sabendo do potencial formador de grupos de pesquisa e reconhecendo essa participação como uma oportunidade de construção de saberes necessários ao nutricionista, torna-se iminente a importância da defesa de verbas e condições para pesquisa, de forma a garantir recursos para o exercício da pesquisa enquanto ferramenta pedagógica, através da qual é possível transformar realidades.

## **IMPLICAÇÕES PARA A PRÁTICA NO CAMPO DE ATUAÇÃO**

As implicações da proposta deste trabalho abrangem todas as áreas de atuação do nutricionista tendo como ponto de partida a Pesquisa, o Ensino e a Extensão. Através da reflexão sobre a construção de saberes na formação inicial do nutricionista pode-se repensar práticas na área citada, influenciando o perfil de profissionais egressos de forma a responder às atuais demandas sociais.

A valorização da participação do estudante de nutrição em grupos de pesquisa se apresenta como um instrumento para a prática de atividades de pesquisa, ensino e extensão de forma mais contínua na graduação, o que se alinha com a proposta de uma formação crítica, reflexiva e criativa tendo a pesquisa como um instrumento fundamental do processo pedagógico.

Considerando o processo de construção de saberes do graduando em grupos de pesquisa é possível repensar os processos de reflexão e elaboração inerentes a pesquisa e ao ensino, visando o estabelecimento de práticas que sejam mais descentralizadas, dialógicas e participativas no campo da nutrição.

A participação ativa do estudante de graduação em grupos de pesquisa pode colaborar com a participação do nutricionista em espaços de diálogo e decisão, fortalecendo o exercício da cidadania ligado a compromissos da profissão com o desenvolvimento sustentável e a preservação da biodiversidade, a proteção à saúde e a valorização profissional.

A vivência em um processo de aprendizagem descentralizado e dialógico, com práticas de cooperação que respeitam as pessoas em suas diversidades de experiências, podem, por exemplo, remodelar a atuação do nutricionista no desenvolvimento de suas atividades de gestão e gerenciamento de equipes na alimentação coletiva.

As práticas que capacitam o estudante para a autonomia em seu processo de aprendizagem, construindo o saber sobre aprender a aprender, o aprender a fazer, o aprender a viver juntos e o aprender a conhecer também podem exercer influência sobre o seu processo de educação permanente, necessário a prática profissional do nutricionista.

As concepções sobre a Educação Alimentar e Nutricional e Promoção da Saúde que pautam a atuação do nutricionista na Clínica e na Saúde Coletiva, ao prestar a atenção nutricional e

dietética a indivíduos ou coletividades, podem ser repensadas a partir do processo de construção de saberes na graduação em nutrição. Dessa forma, a maneira como se dá o processo de formação do nutricionista pode colaborar para o desempenho de suas atribuições de maneira dialógica e sem discriminação, com respeito à vida, à singularidade e à pluralidade, prestando a atenção nutricional de forma a considerar as múltiplas dimensões da alimentação.

## REFERÊNCIAS

1. Conselho Federal de Nutricionistas. Resolução CFN Nº 600, de 25 de fevereiro de 2018.
2. Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo. Projeto Político Pedagógico do Curso de Nutrição. 2019. Disponível em: <https://www.fsp.usp.br/site/graduacao-de-nutricao/mostra/957>
3. Brasil. Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Lei Nº 9.394 de 20 de dezembro de 1996.
4. Severino, A J. Metodologia do Trabalho Científico. 23º ed. São Paulo, 2007.
5. Werneck, V R. Sobre o processo de construção do conhecimento: O papel do ensino e da pesquisa. Ensaio: aval. pol. públ. Educ., Rio de Janeiro, v.14, n.51, p. 173-196, abr./jun. 2006.
6. Freire, P. Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa. 63º ed – Rio de Janeiro/ São Paulo: Paz e Terra, 2020.
7. Therrien, S M N. Feitosa, L M. Ação Formativa e o Desafio para a Graduação em Saúde. Revista Brasileira de Educação Médica. 34 (2) : 227–237; 2010.
8. Conselho Nacional de Educação e Câmara de Educação Superior. Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Graduação em Nutrição. Resolução CNE/CES Nº5, de 7 de novembro de 2001.
9. Conselho Federal de Nutricionistas. Código de Ética e de Conduta do Nutricionista. 2018
10. Odelius, C C et al. Processos de aprendizagem, competências aprendidas, funcionamento, compartilhamento e armazenagem de conhecimentos em grupos de pesquisa. Cadernos EBAPE. BR, v. 9, nº 1, artigo 11. Rio de Janeiro, 2011.
11. CNPq. Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovações. Iniciação Científica. Disponível em: <http://cnpq.br/iniciacao-cientifica>. Acesso em 24/09/2020.
12. CNPq. Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovações. Objetivos do programa PIBIC. Disponível em: <http://www.cnpq.br/web/guest/pibic>. Acesso em 24/09/2020.

13. Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo. Programa Unificado de Bolsas – PUB. Disponível em: <https://www.fsp.usp.br/site/graduacao/mostra/7346>. Acesso em 24/09/2020.
14. Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo. Programa de Estímulo ao Ensino de Graduação – PEEG. Disponível em: <https://www.fsp.usp.br/site/graduacao/mostra/7344>. Acesso em 24/09/2020
15. Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo. Programa Aluno Monitor. 2º Semestre de 2020. Edital Interno 03/2020.
16. Caria, T H. O uso do conceito de cultura na investigação sobre profissões. *Análise Social*, n.189, p. 749-773, 2008.
17. Daltro, M R; De Faria, A A. Relato de experiência: Uma narrativa científica na pós-modernidade. *Estud. pesqui. psicol.*, v. 19, n. 1, p. 223-237. Rio de Janeiro, 2019.
18. Gasque, K G; Tescarolo, R. Por uma pedagogia do equilíbrio. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v.34, n.1, p. 139-150, jan./abr, 2008.
19. Bondía, J L. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. *Revista Brasileira de Educação*, 2002.
20. Boni, V; Quaresma, S J. Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em Ciências Sociais. *Revista Eletrônica dos Pós-Graduandos em Sociologia Política da UFSC* Vol. 2 no 1(3), p. 68-80, janeiro-julho/2005.
21. Alves, D; Filho, D F; Henrique, A. O Poderoso NVivo: uma introdução a partir da análise de conteúdo. *Revista Política Hoje - 2a Edição - Volume 24* - p. 119-134, 2015.
22. Vieira, VL; Leite, C; Cervato-Mancuso, AM. Formação Superior em Saúde e Demandas Educacionais Atuais. O exemplo da graduação em Nutrição. *Educação, Sociedade e Culturas*. N° 39, 2013, 25-42.
23. Cunha, MI. Pesquisa e Pós-Graduação em Educação: o sentido político e pedagógico da formação. *Conjectura: Filos. Educ.*, Caxias do Sul, v. 18, n. especial, 2013, p. 33-47.
24. da Silva, AA; de Souza, KR. Educação, pesquisa participante e saúde: as ideias de Carlos Rodrigues Brandão. *Trab. Educ. Saúde*, Rio de Janeiro, v. 12 n. 3, p. 519-539, set./dez. 2014.
25. Erdmann AL, Schlindwein BH, Sousa FGM. A produção do conhecimento: o diálogo entre os diferentes saberes. *Rev Bras Enferm* 2006 jul-ago; 59(4): 560-4.
26. André, MEDA. Grupos de Pesquisa: Formação ou Burocratização? *Revista de Educação PUC-Campinas*, Campinas, n. 23, p. 133-138, novembro 2007.
27. Figueiredo, GO; Orrillo, YAD. Currículo, política e ideologia: estudos críticos na educação superior em saúde. *Trab. Educ. Saúde*, Rio de Janeiro, 2020; 18(s1):e0024880.
28. Banduk, MLS; Ruiz-Moreno, L; Batista, NA. A construção da identidade profissional na graduação do Nutricionista. *Comunicação Saúde Educação* v.13, n.28, p.111-20, jan./mar. 2009.

## APÊNDICES

### ROTEIRO DE ENTREVISTAS

<b>Sobre a história e constituição do grupo.</b>	
<b>Perguntas</b>	<b>Direcionamento</b>
<ul style="list-style-type: none"><li>• Quando o grupo de pesquisa teve início?</li><li>• Quem eram as pessoas que faziam parte? (fale sobre suas áreas e níveis de formação).</li><li>• Qual foi o propósito do grupo ao ser criado?</li><li>• Quais eram as perspectivas e/ou expectativas? Algo mudou até aqui?</li><li>• O que você considera serem os pontos fortes e fracos do grupo e como você acha que isso influencia nos trabalhos desenvolvidos dentro dele?</li><li>• Como você definiria o grupo hoje?</li><li>• Quais aspectos você acredita serem fundamentais desde o princípio para que o grupo tenha o caráter que tem hoje?</li></ul>	Todos os entrevistados
<b>Sobre a participação do aluno de graduação em nutrição.</b>	
<b>Perguntas</b>	<b>Direcionamento</b>
<ul style="list-style-type: none"><li>• Você já pensou sobre a participação de alunos da graduação em nutrição no grupo?</li><li>• Como você percebe e avalia essa participação?</li><li>• Que contribuições você acredita que essa participação tem para o grupo?</li><li>• Que contribuições você acredita que essa participação tem para os alunos?</li></ul>	Todos os entrevistados
<ul style="list-style-type: none"><li>• O que pauta sua relação professora/orientadora com os alunos de graduação em nutrição que participam de projetos de pesquisa, ensino e extensão? O que você acredita decorrer disso?</li></ul>	Professora coordenadora do grupo de pesquisa
<ul style="list-style-type: none"><li>• Como você descreveria sua experiência de participação no grupo enquanto aluna de graduação em nutrição?</li><li>• Que influências você acredita que essa experiência teve na sua formação enquanto profissional?</li><li>• Você percebe outras influências advindas dessa experiência, pensando em aspectos sociais?</li></ul>	A quem participou do grupo como graduando.

<ul style="list-style-type: none"> <li>• Enquanto doutoranda/mestranda você teve convívio com alunos de graduação em nutrição?</li> <li>• Como você descreveria essa relação? Por que?</li> <li>• Que contribuições você acredita advir dessa experiência para os alunos? E para você? (Pensando em aspectos profissionais e sociais)</li> </ul>	A quem participou do grupo como pós-graduando.
--	--

## TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

O Sr(a) está sendo convidado(a) a participar como voluntário(a) da pesquisa: “A participação do aluno de graduação em nutrição em grupos de pesquisa como uma oportunidade de construção de saberes: análise de relato de experiência.”.

A criação de grupos de pesquisa, contribuição de agências de fomento e bolsas universitárias para iniciação científica representam um marco de inclusão da pesquisa na formação desde a graduação e um caminho para socializar a produção e compartilhar experiências na produção de trabalhos científicos e no desenvolvimento de uma postura investigativa por parte do estudante. Este trabalho tem por objetivo refletir sobre a participação do estudante de graduação em nutrição em grupos de pesquisa como uma oportunidade de construção de saberes para a formação profissional e social a partir de uma análise de relato de experiência. A experiência a ser relatada refere-se às vivências advindas da participação no grupo de pesquisa Promoção da Saúde e Segurança Alimentar e Nutricional, portanto faz-se necessário conhecer sua história e caracterizá-lo, para tal, serão realizadas entrevistas semi-estruturadas com objetivo de conhecer e caracterizar o grupo de pesquisa campo da experiência.

O risco da pesquisa (possibilidade de danos à dimensão física, psíquica, moral, intelectual, social, cultural ou espiritual do participante) é mínimo e a participação será voluntária. Os participantes poderão solicitar esclarecimentos a qualquer momento pelo telefone e endereço eletrônico disponibilizados ou, ainda, junto ao Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade de Saúde Pública da USP, em caso de dúvidas ou notificação de acontecimentos não previstos. Como benefício, este trabalho poderá contribuir para discussões sobre pesquisa na graduação e a formação do nutricionista.

As responsáveis pela pesquisa são a professora Cláudia Maria Bóguus e a aluna Jaqueline Dourado Lins. Em caso de dúvidas ou solicitação de novas informações, você poderá entrar em contato com a professora Cláudia Maria Bóguus pelo e-mail [claudiab@usp.br](mailto:claudiab@usp.br) ou telefones 11-30617955 / 987518973 e o Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo.

O Sr(a) será esclarecido(a) sobre a pesquisa em qualquer aspecto que desejar. O Sr(a) é livre para recusar-se a participar, retirar seu consentimento ou interromper a participação a qualquer momento. A sua participação é voluntária e a sua recusa em participar não irá acarretar qualquer penalidade ou perda de qualquer benefício, você possui garantia ao direito à indenização diante de eventuais danos decorrentes da pesquisa que absorverá qualquer gasto relacionado garantindo assim não oneração de serviços de saúde. Os pesquisadores irão tratar a sua identidade com respeito e seguirão padrões profissionais de sigilo, assegurando e garantindo o sigilo e confidencialidade dos dados pessoais dos participantes de pesquisa. Seu nome, ou qualquer material que indique a sua participação não será liberado sem a sua permissão. O Sr(a) não será identificado(a) em nenhuma publicação que possa resultar deste estudo. Uma via assinada deste termo de consentimento livre e esclarecido será arquivada na sala da Profª Cláudia Maria Bóguus no departamento de Política, Gestão e Saúde na Faculdade de Saúde Pública da USP e outra será fornecida ao Sr(a). O estudo poderá ser interrompido mediante aprovação prévia do CEP quanto à interrupção ou quando for necessário, para que seja salvaguardado o participante da pesquisa.

( ) Autorizo a gravação em vídeo da entrevista ( ) Não autorizo a gravação em vídeo da entrevista

## **DECLARAÇÃO DO PARTICIPANTE DA PESQUISA**

Eu, \_\_\_\_\_,  
RG. \_\_\_\_\_ fui informada(o) dos objetivos da pesquisa acima de maneira clara e detalhada e esclareci minhas dúvidas. Sei que em qualquer momento poderei solicitar novas informações para motivar minha decisão, se assim o desejar. A pesquisadora **Jaqueleine Dourado Lins** certificou-me de que todos os dados desta pesquisa serão confidenciais e somente os pesquisadores terão acesso. Também sei que caso existam gastos, estes serão absorvidos pelo orçamento da pesquisa.

O Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo também poderá ser consultado para dúvidas/denúncias relacionadas à Ética da Pesquisa e localiza-se na Av. Dr. Arnaldo, 715, Cerqueira César – São Paulo, SP, horário de atendimento: de segunda a sexta-feira, das 9h às 12h e das 13h às 15h telefone, (11) 3061-7779, que tem a função de implementar as normas e diretrizes regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos, aprovadas pelo Conselho. Assinei este termo de consentimento livre e esclarecido, o qual também foi assinado pelo pesquisador que me fez o convite e me foi dada a oportunidade de ler e esclarecer as minhas dúvidas. Uma **via** deste documento, devidamente assinada foi deixada comigo. Declaro que concordo em participar desse estudo.

---

Nome

Assinatura do Participante

Data

---

Jaqueleine Dourado Lins

Pesquisador

Assinatura do Pesquisador

Data





## ÁLBUM DA EXPERIÊNCIA

*Vivências com o Grupo de Pesquisa Promoção da Saúde e Segurança Alimentar e Nutricional*



ENTRADA DO PRÉDIO PRINCIPAL DA FACULDADE DE SAÚDE DE SAÚDE PÚBLICA DA USP.  
Dia da matrícula - 2014.



Registro de visitas ao CENTRO DE REFERÊNCIA EM SEGURANÇA ALIMENTAR E NUTRICIONAL.

2015-2016.

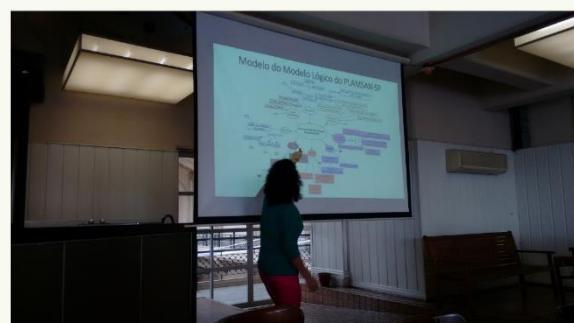


Evento de lançamento do Plano Municipal de Segurança Alimentar e Nutricional - 2016.





Apresentação do Modelo Lógico de Elaboração do PLAMSAN ao Conselho Municipal de Segurança Alimentar e Nutricional - 2016.







2016

I SEMINÁRIO DE PESQUISA DA  
FACULDADE DE SAÚDE PÚBLICA E  
ESCOLA DE ENFERMAGEM USP



27º SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE INICIAÇÃO  
CIENTÍFICA E TECNOLÓGICA DA USP (SIICUSP)

2019



HORTA DA FSP





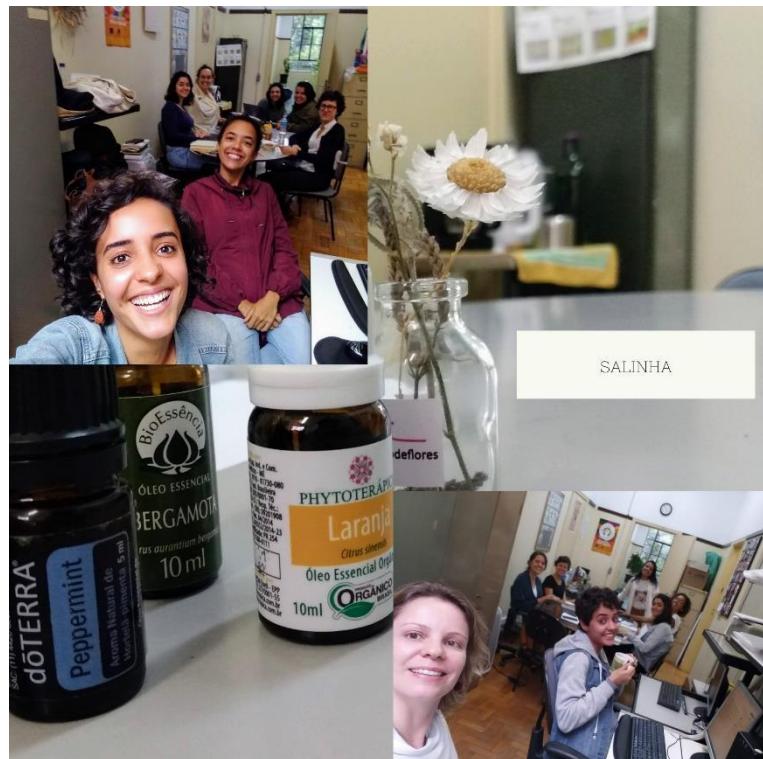
PANC (Planta Alimentícia Não Convencional) de presente na atividade da Horta FSP - 2015.

MUDA DE CAPUCHINHA



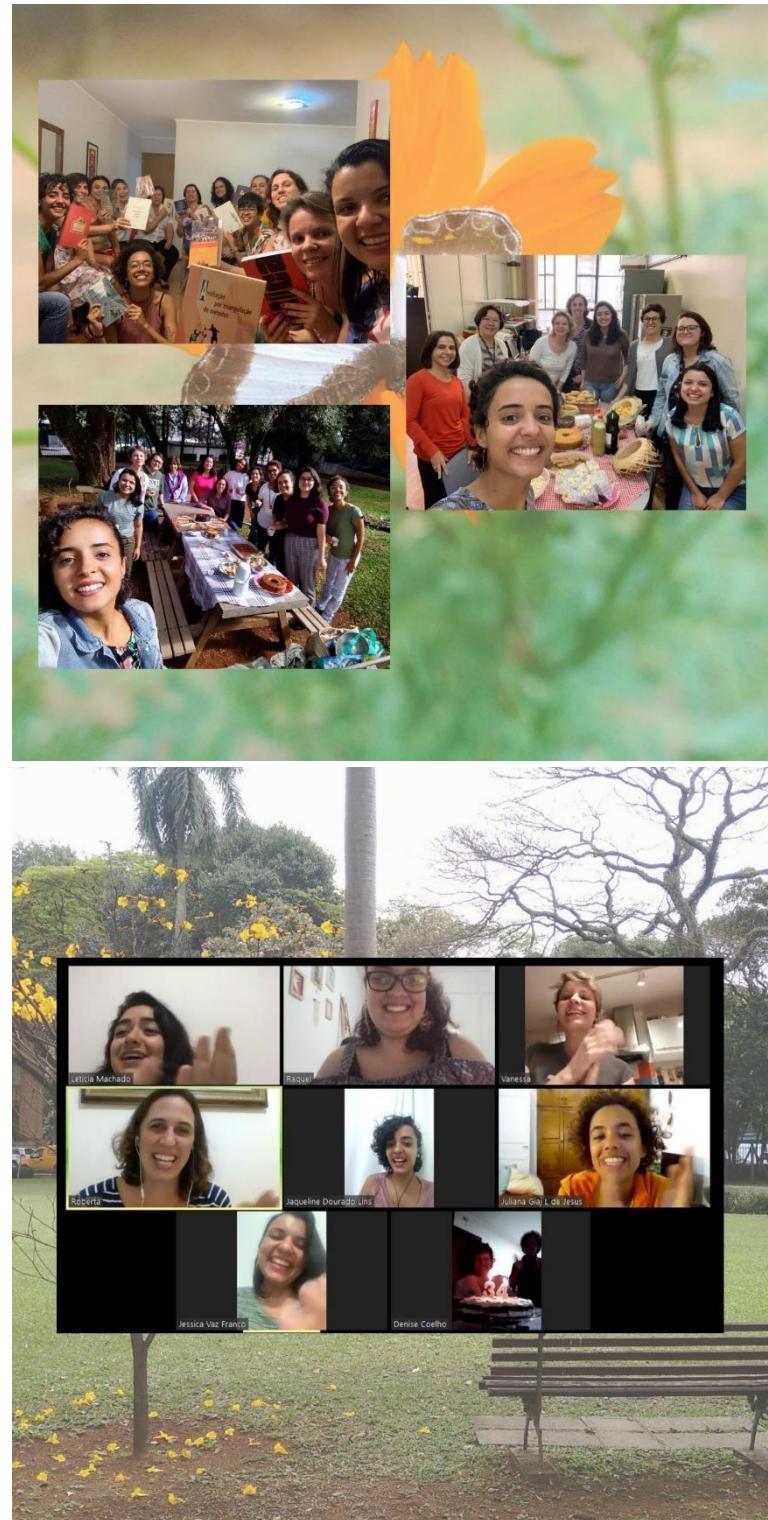
MUDA DE MANJERICÃO

Aguardando na salinha para ser levada para casa - 2015.











## ANEXO

Anexo 1 – Aprovação pelo Comitê de Ética em Pesquisa da FSP.



COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA - COEP

Faculdade de Saúde Pública  
Universidade de São Paulo

---

OF.COEP/04/20

São Paulo, 04 de novembro de 2020.

Prezada Pesquisadora,

O Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade de Saúde Pública, em 25/08/2020, analisou de acordo com a Resolução 466/12 do Conselho Nacional de Saúde e suas complementares, o projeto de pesquisa CAAE: 33782920.3.0000.5421, intitulado “A participação do aluno de graduação em nutrição em grupos de pesquisa como uma oportunidade de construção de saberes: análise de relato de experiência.”, sob responsabilidade da pesquisadora Cláudia Maria Bógus, considerando-o APROVADO.

Atenciosamente,

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Kelly Polido Kaneshiro Olympio  
Coordenadora do Comitê de Ética em Pesquisa – FSP/USP

Ilm.<sup>a</sup> Sr.<sup>a</sup>  
Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Cláudia Maria Bógus  
Departamento de Política, Gestão e Saúde  
Faculdade de Saúde Pública da USP